N.º 9 / JUNHO 1972 / ANO I

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
A. Chuquere	**Luís de Camões** – *Resumo da sua vida*	4
M. Horta	**Efemérides Navais**	5
O. Lemos	**1.ª Travessia Aérea do Atlântico Sul** (Rectificação)	5
A. Fardilha	**Chuva**	6
S. Elpídio/A. Chuquere	**A Pátria Honrai**	7
S. Elpídio	**Medalha Comemorativa da Passagem do Estreito de Magalhães**	8
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	9
M. do Vale	**Conversa entre Marinheiros**	10
O. Lemos	**Bibliografia**	13
A. Coentro	**A Canção do Pescador**	14
S. Leitão	**Ultramar** A Navegação de Cabotagem na Guiné	16
S. Machado/A. Chuquere	**Saibam Todos**	18
M. do Vale/A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	18
Redacção	**Voz da Abita**	19
G. Brandão/A. Pinto	**Filatelia**	21
P. Caeiro	**Desportos**	22
S. Elpídio	**Reportagem**	24
C. Junça	**No Mundo Aconteceu**	30
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

RUAS DE MACAU

(Fotos do cap. ten. EMQ Antunes Lourenço)

REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 9 / JUNHO DE 1972 / ANO I

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

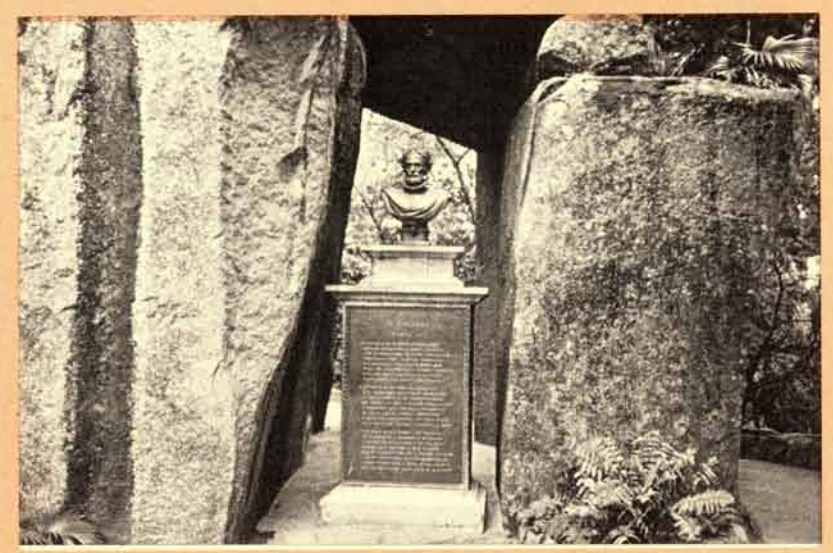
Continente e Ilhas	24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima)	26$00
Ilhas (via aérea)	59$00
Ultramar (via aérea)	113$00

Na capa:

Escolta à Bandeira
(Foto do cap. ten. EMQ Antunes Lourenço)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura



Gruta de Camões, em Macau.

CAMÕES MARINHEIRO

(Homenagem da «Revista da Armada» no 392.º aniversário da sua morte)

Não é marinheiro quem quer ou quem lhe veste a pele. É marinheiro quem navega, quem suporta ventos e tempestades, quem sente o poder das ondas traiçoeiras, quem respeita o mar na sua imensa glória.

E quem melhor que Camões descreveu o mar, bravo como um leão umas vezes, manso como um cordeiro outras? Quem melhor que ele contou a luta dos mareantes para o vencer nas suas fúrias? Quem como ele historiou a epopeia dos navegadores das descobertas?

Só um marinheiro dos autênticos, daqueles que com toda a propriedade se chamam lobos do mar, é capaz de sentir e escrever assim. E por isso dizemos que Camões foi um grande marinheiro.

Navegou pelos sete mares, conheceu todo o Oriente, salvou-se milagrosamente num naufrágio e bateu-se como um bravo nessas terras distantes.

Já velho, cansado e cego de uma vista que perdeu em combate, veio acabar os seus dias em Lisboa na maior miséria física e moral. Merecia melhor sorte o maior dos poetas portugueses!

Em 1963 assistimos à mais tocante homenagem que lhe temos visto fazer. Foi em Macau, no jardim que tem o seu nome e junto à gruta onde se diz ter escrito grande parte de «Os Lusíadas».

Perante entidades oficiais e muito povo, dezenas de escolas desfilaram perante o seu busto.

A professora depunha um ramo de flores e os alunos passavam um a um fazendo uma reverência.

A cena tinha grandeza na sua simplicidade. É que essas crianças eram quase todas chinesas e por isso tornava-se emocionante vê-las, quais borboletas nos seus bibes brancos, curvarem-se perante o génio de um português que encheu o Mundo de poesia.

Luís de Camões

Resumo da sua vida

«Aquele cuja Lira sonorosa
será mais afamada que ditosa»

Luís de Camões não só deixou a sua vida, como ele diz, «pelo mundo em pedaços repartida», mas também nas suas poesias derramados muitos desses pedaços.

Não se sabe se o sobrenome de Camões deriva de alguma alcunha ou se tem a sua origem num castelo chamado Cadmon situado junto do cabo Finisterra. Sabe-se, no entanto, que a origem desta família em Portugal está em Vasco Pirez de Camoens, que no ano de 1370, estando el-Rei D. Henrique II de Castela em guerra com D. Fernando, rei de Portugal, passou da Galiza a este reino, tendo recebido do rei português muitas terras e rendas, como recompensa das que tinha deixado.

Casou este fidalgo com uma filha de Gonçalo Tenreiro, capitão-mór das Armadas de Portugal e deste matrimónio nasceu Gonçalo, *João* e Constança.

A descendência do poeta Camões procede do segundo filho, João Vaz de Camões, o qual pelas suas virtudes militares ao serviço do rei D. Afonso V conseguiu o título (assaz honorífico naquele tempo) de seu vassalo.

Casou com Ignez Gomes da Silva tendo como filho Antão Vaz de Camões, que, por sua vez, desposou Guiomar Vaz de Camões. Foi filho deste matrimónio Simão Vaz de Camões, casado com D. Aida de Sá, que foram os pais de Luís de Camões.

Nasceu o poeta em Lisboa, não obstante Coimbra e Santarém requererem para si tal honra, sendo o seu ano de nascimento o de 1517.

Os anos da juventude de Camões foram passados em Coimbra, onde se dedicou à poesia, sendo desse tempo o belo poema que assim começa:

«Vão as serenas águas do Mondego descendo,
E mansamente até ao mar não param...»

Mais tarde passou a frequentar a corte, dedicando-se às «Musas e a Cupido» (poesia e galanteio). Por isso caiu em desgraça e foi desterrado para Ceuta. Aí, segundo os cronistas, também «trocou a vida de poeta e amante pela de soldado», época em que perdeu durante um combate naval a sua vista direita, «levada por faísca de canhão que os mouros dispararam».

Mais tarde voltou a Lisboa, mas por cá muito tempo não esteve pois por ocasião em que Fernando Álvares

Cabral foi nomeado capitão-mór de 4 naus, partiu para a Índia em Março de 1553, tendo chegado a Goa ainda no mesmo ano.

Em 1556, Luís de Camões, por ter escrito uma poesia atentatória contra o governador (D. Francisco Barreto), foi por este mandado prender e depois exilar para a China (Macau). Remonta a esse tempo o célebre naufrágio da nau que o transportava, na foz do rio Mecão, tendo o poeta nadado, «preservando com uma mão o seu poema («Os Lusíadas») e com a outra a própria vida».

Chegado a Macau, aí se estabeleceu por cinco anos, tendo adiantado muito o escrito de «Os Lusíadas», mas em 1561 embarca de novo para Goa.

Posto já em liberdade, voltou a ser soldado mas não deixou de ser poeta, sendo esta a altura em que terminou «Os Lusíadas», com intenção de oferecê-los ao seu monarca, razão pela qual resolveu voltar a Lisboa.

Chegou finalmente à capital no ano de 1569, governava D. Sebastião. Mas só em 1572 se acabou de imprimir o seu poema.

Passou depois o restante tempo da sua vida, durante sete anos, em grandes dificuldades, embora el-rei lhe tivesse estabelecido uma pensão de 15 mil reis anuais! Para aumento dos seus desgostos deu-se a catástrofe da perda do rei em África e a consequente e lamentável situaçao da Pátria.

Assim, Camões adoeceu gravemente e a pouco e pouco, sempre na mesma miséria, a sua vida foi-se extinguindo. E com a idade de 62 anos, no ano de 1579, expirou em

Lisboa o príncipe dos poetas portugueses, tendo sido, na sua sepultura, mandado inscrever este epitáfio:

AQUI JAZ LUÍS DE CAMÕES
PRÍNCIPE DOS POETAS
DO SEU TEMPO:
VIVEU POBRE E MISERÀVELMENTE
E ASSIM MORREU
ANO DE MDLXXIX
(Esta campa lhe mandou aqui pôr
D. Gonçalo Coutinho;
Na qual não se enterrará pessoa alguma)

Luís de Camões foi de medíocre, mas proporcionada, estatura de corpo. Teve o rosto cheio, um pouco carregado de frente. O nariz comprido, no meio elevado, grosso na ponta; o cabelo louro, quando novo; um olhar vivíssimo, mesmo depois de perder a vista direita. Era afável no trato, jovial na conversação, pródigo com os amigos, inimigo dos vícios, afectuoso pela Pátria.
«Da qualidade do seu engenho dão testemunho os seus escritos.»

A. Chuquere

(Compilado de uma edição de «Os Lusíadas», da Imprensa da Universidade de Coimbra, de 1800)

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE JUNHO

Em 12 de Junho de 1850, nasce na ilha de S. Miguel o comandante Roberto Ivens que, com Hermenegildo Capelo e Serpa Pinto, haveria de realizar a expedição de ligação das duas costas de África – Atlântico--Índico –, «com respeito sobretudo aos pontos por nós ocupados, a mais perfeita apreciação do interior respectivo e mais essencialmente dessa interessante região dos lagos que lhe serve de intermédio e que lhe poderá ajudar a abrir caminho que lhe facilite o maior comércio interno e quantas mais relações aproveitem aos nossos interesses e à civilização do mundo».

Em 15 de Junho de 1180, D. Fuas Roupinho – 1.º almirante português – ataca «no rio de Setúbal» uma esquadra mourisca de 9 galés, «travando rija peleja. que destroçou o inimigo e apreendeu todas as suas galés».

Em 17 de Junho de 1922, amaram no Rio de Janeiro Sacadura Cabral e Gago Coutinho, concluindo a 1.ª travessia aérea do Atlântico Sul, que António Cândido saudou no dia apoteótico da chegada a Lisboa: «A travessia aérea do Atlântico èpicamente tentada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, dois grandes nomes que já pertencem à História, não é um simples feito individual embora pareça.
«É uma empresa colectiva, é uma obra nacional, colaborámos todos nela com o ardor dos nossos votos, com inabalável fé no sucesso final, com a alegria e a pena que, intermitentemente, nos causaram os acidentes vários, do maravilhoso e arriscado cometimento, com a intensa ansiedade das nossas almas, desde que se iniciou o arrojado voo.
«Velhos dominadores do mar, ficaremos sendo também incontestados avassaladores do espaço. Prefulgente e dupla glória a que foi felizmente predestinado o alto génio da imortal raça portuguesa.»

RECTIFICAÇÃO

No N.º 7 da Revista, no artigo intitulado «A Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul», por erro de fonte de informação, disse-se que o avião «Santa Cruz», com o qual foi concluída a travessia, fôra oferecido pelo Brasil. Na realidade, o movimento de solidariedade que se esboçou no país irmão com vista à aquisição de novo aparelho para aquele fim não teve necessidade de se concretizar porque no Centro de Aviação do Bom Sucesso se dispunha ainda de um «Fairey», o último, que o ministro da Marinha fez seguir logo que foi possível para Fernando Noronha, a bordo do Cruzador «República».

CHUVA

Chuva...
Vida toldada por véu transparente.
Céu que chora,
lágrimas puras,
de alguém que sente
a vida esvair-se,
como se a chuva fôra
pedaços de si.

Na terra a água
alarga os campos.
Campos de mágoa
do dia a dia.
Onde o povo luta.
Onde o povo sofre.
E a chuva caindo,
vai tornando fria,
mais amarga ainda
a vida de alguém,
que no campo ganha
o seu dia a dia.

Pra quê lutar contra o impossível.
É esperar que a chuva pare.
Para que o mundo
retorne à vida.
Para que em nós a ferida sare.
Porque só Deus,
em sua grandeza,
pode parar as lágrimas puras,
do mundo que chora,
na chuva fria a sua tristeza.

(Foto do cap.-ten. AN Caeiro Junça)

Agostinho
2.º-gr. L

a Pátria honrai

A coragem, entusiasmo, determinação, sangue frio e serena energia debaixo de fogo demonstradas pelo 2.º tenente Fuzileiro Especial da Reserva Naval Hernâni Vidal de Resende em todas as operações em que tomou parte e em que teve contactos de fogo contribuiram decisivamente para que se alcançassem resultados notáveis e brilhantes que ilustram o Destacamento N.º 10 de Fuzileiros Especiais e a Corporação a que ele pertence; por tal comportamento, foi justamente atribuida àquele oficial a medalha da Cruz de Guerra de 2.ª classe.

Em todas as operações em que tomou parte com o seu grupo de assalto, o 2.º tenente Vidal de Resende soube e conseguiu sempre, quer pelo seu exemplo, abnegação e entusiasmo, quer pela sua coragem, decisão e sangue frio mantido debaixo de fogo, obter o máximo de rendimento e oportunidade nos contactos que teve com o inimigo.

Durante a primeira operação em que o seu Destacamento tomou parte, quando as equipas da frente, nas quais seguia o comandante, caíram debaixo de fogo nutrido de uma emboscada, procedeu a um rápido envolvimento que contribuiu para a debandada desordenada do inimigo.

Mais recentemente, noutra operação, esta conjunta, detectou e assaltou uma base inimiga. A aproximação ao acampamento foi feita de tal maneira que o ten. Resende e o seu pessoal conseguiram chegar indetectados a escassos metros do local onde o inimigo se encontrava reunido em conferência; mais uma vez foram feitas baixas, entre as quais se contava a de um comissário político importante e capturado armamento, material e documentos.

CRUZ DE GUERRA

1.ª classe

2.º ten. Raul Patrício Leitão – Moçambique (1968).

2.ª classe

2.º ten. António Eduardo Barbosa Alves – Moçambique (1969).

8963/Mar. FZE – Manuel Martins Teixeira – Guiné (1968).

3.ª classe

4645/1.º sarg. FZE – Guilhermino Augusto Ângelo – Guiné (1968).

5495/1.º sarg. FZE – Luís Alves Barroco – Guiné (1968).

964/66/Mar. FZE – Eduardo Vilar dos Santos – Angola (1968).

4.ª classe

4539/1.º sarg. FZE – José Joaquim Trigo – Angola (1968).

6507/2.º sarg. FZE – António Vicente Reis – Moçambique (1968).

9649/C. FZE – Leonel da Piedade Sequeira – Moçambique (1969).

832/65/Mar. FZE – Dinis Maria Martins – Moçambique (1969).

1060/65/Mar. FZE – Amilcar Augusto P. Veiga – Guiné (1969).

***

Medalhas Comemorativas

Dando continuação ao propósito de trazer ao conhecimento dos leitores da Revista os elementos referentes às medalhas comemorativas destinadas a homenagear figuras notáveis ou acontecimentos históricos importantes na vida da Marinha que, desde 1969, o Ministério da Marinha tem mandado cunhar, apresentamos hoje a seguinte:

Medalha Comemorativa da Passagem do Estreito de Magalhães

Memória descritiva

Anverso

Ao centro, o retrato do navegador, inspirado numa gravura da época.

No exergo, a legenda FERDINAND MAGELLANVS SVPERATIS ANTARCTICI FRETI ANGVSTIIS CLARISSIMVS.

Em baixo, como fecho, uma pequena âncora. De cada lado do retrato, em algarismos romanos, as datas do nascimento e da morte. A circundar, um cabo, como elemento marcante da época. À direita, a assinatura do autor.

Reverso

Uma composição tendo como base um mapa espanhol da época.

Em cima, à esquerda, o brasão dos Magalhães; em baixo, à direita, a nau «Victoria» que fez a travessia do Estreito.

Um pouco à esquerda, uma linha vertical, convencional, com as bandeiras de Castela e Portugal, demarcando o tratado de Tordesilhas.

A circundar as legendas:

Em cima, HOMENAGEM DA MARINHA DE GUERRA.

Em baixo, PORTUGAL, com as datas 1520-1970, respectivamente, de cada um dos lados.

Notas biográficas

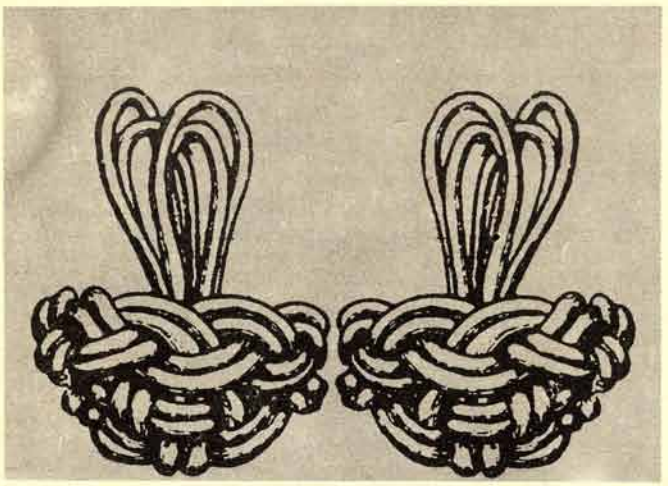
Fernão de Magalhães nasceu por volta de 1480. Em 1505, partiu para a Índia integrado na grande armada de D. Francisco de Almeida e em 1509 tomou parte na terrível batalha dos Rumes. Acompanhou Albuquerque na tomada de Malaca em 1511 e em meados de 1513, já em Lisboa, não tardou a alistar-se na expedição do duque de Bragança destinada à conquista de Azamor.

Aflorando ao seu espírito a ideia de atingir as Malucas por Ocidente, começou a estudar essa viagem mas, por desinteligências com o monarca reinante e porque dos estudos feitos lhe resultara a convicção de que aquelas ilhas ficavam fora do hemisfério português, resolveu apresentar o seu plano ao soberano de Castela, sem prejuízo, portanto, dos direitos de Portugal derivados do Tratado de Tordesilhas. Autorizada a viagem, foram preparados cinco navios que saíram de Sevilha a 10 de Agosto de 1519 e que depois dos últimos aprestos em San Lúcar de Barrameda daqui largaram em direcção às Canárias, passando junto da costa africana até além do arquipélago de Cabo Verde, com rumo ao Brasil. Em 27 de Abril de 1521, cerca de 21 meses depois da partida, ao pretender castigar a recusa do rei da ilha de Mactan em pagar um tributo exigido, morre Fernão de Magalhães heròicamente às mãos de uma multidão de selvagens, depois de, e através de vicissitudes de vária ordem, entre as quais figura a sufocação da revolta dos capitães espanhóis, ter realizado a mais aventurosa viagem que até então se fizera, descobrindo o caminho para a Índia por Ocidente, passando o difícil estreito que punha em comunicação o Atlântico com o Mar do Sul e atravessando, finalmente, esse imenso e desconhecido Oceano Pacífico, no meio de horrorosas privações.

A viagem de Fernão de Magalhães demonstrou, pràticamente, a esfericidade do nosso globo e que, na repartição dos continentes, as águas ocupam maior espaço do que a terra firme.

Perguntas... Com Cocha

1 – Abrir o olho é acordar?
2 – Os abrolhos dão fruto?
3 – Navegando à capa vai-se bem protegido?
4 – Para ir a cavalo no vento é necessário usar sela?
5 – Quando se acende o navio ele fica iluminado?
6 – Que achegas dá você para esta secção?
7 – Navegar à corda é ir-se puxado por ela?
8 – Quando o vento acode presta algum auxílio?
9 – O navio à cunha está completamente cheio?
10 – Acunhar remos é meter-lhes cunhas?



Respostas... Descochadas

1 – Abrir o olho é rondar o vento, afastando-se da proa.

2 – Abrolhos são rochedos pontiagudos cujas extremidades ficam acima da água e cujo aspecto é semelhante à planta de igual nome.

3 – Navegar à capa é ir chegado ao vento com uma só vela e leme de ló para resistir aos elementos, pairar ou seguir pouco a vante.

4 – O navio vai a cavalo no vento quando segue muito cingido com ele, fechado à bolina.

5 – Nos antigos navios a carvão, acender o navio significava acender as respectivas fornalhas.

6 – Achegas é um termo de construção naval outrora usado e que significava um conjunto de miudezas utilizadas na construção dos navios, tais como pregos, estopa, breu, alcatrão, etc.

7 – Navegar à corda é a mesma coisa que navegar à capa.

8 – O vento acode quando volta a soprar da mesma direcção que anteriormente tinha.

9 – Diz-se que o navio está à cunha quando se encontra aparelhado, pronto.

10 – Acunhar remos é servir-se deles como varas para safar uma embarcação dum fundo baixo.

Conversa Entre Marinheiros

Um prédio antigo ali ao Campo Pequeno, um curto lance de escadas de mármore branco e um rés-do-chão onde mora o nosso entrevistado.

No corredor, duas malas de cânfora cheiram ainda ao misterioso Oriente. Pendurada na parede, uma grande fotografia do aviso «Gonçalo Velho», que por lá andou muitas vezes e por dois anos sob o seu comando. Na saleta de estar, modesta mas confortável, uma mesa redonda com um candeeiro de madeira e um buda de louça vindos de Macau. No escritório contíguo, muitas recordações de um passado que abrange mais de 40 anos de serviço na Armada.

Um maple para mim, outro para o dono da casa, e começa a primeira conversa para a nossa Revista.

E porquê esta a primeira? Claro que havia muitas maneiras de começar e eu pensei em várias. Acabei por me inspirar na «Lista da Armada» e resolvi que fosse pelo oficial mais idoso da corporação. Mas, como não me foi possível contactar com ele – o capitão-de-mar-e-guerra José Joaquim M. da Silva Araújo – fui ao «senhor que se segue»...

Outras conversas se farão, à medida que vão surgindo as oportunidades.

Chamaremos assim ao convívio dos marinheiros de agora, homens que pertenceram à Marinha de outrora. Trata-se de um encontro entre o passado e o presente, um rosário de saudades que os entrevistados rezarão alto para nós ouvirmos e meditarmos. Vidas simples de homens simples que serviram a Armada com devoção e chegaram ao fim sem fortuna, é certo, mas com a consciência tranquila e a glória de poder olhar o passado sem receio de ver nele qualquer sombra negra.

O comandante Carlos Alberto de Almeida Maduro nasceu em Lisboa no ano da graça de 1880. Fez, pois, 92 anos!

2.º-tenente, em serviço na Divisão Naval do Atlântico

Assentou praça como aspirante da Escola Naval em 1897, com 17 anos de idade.

Vivia-se o reinado de El-Rei D. Carlos que desfrutava de grande prestígio e popularidade na Marinha, da qual era almirante e comandante-chefe. Aliás foi também um grande marinheiro e passou longos cruzeiros no mar em trabalhos de oceanografia, uma das suas grandes paixões. Era uma honra para qualquer oficial ser escolhido para fazer parte da guarnição do seu belo iate «Amélia».

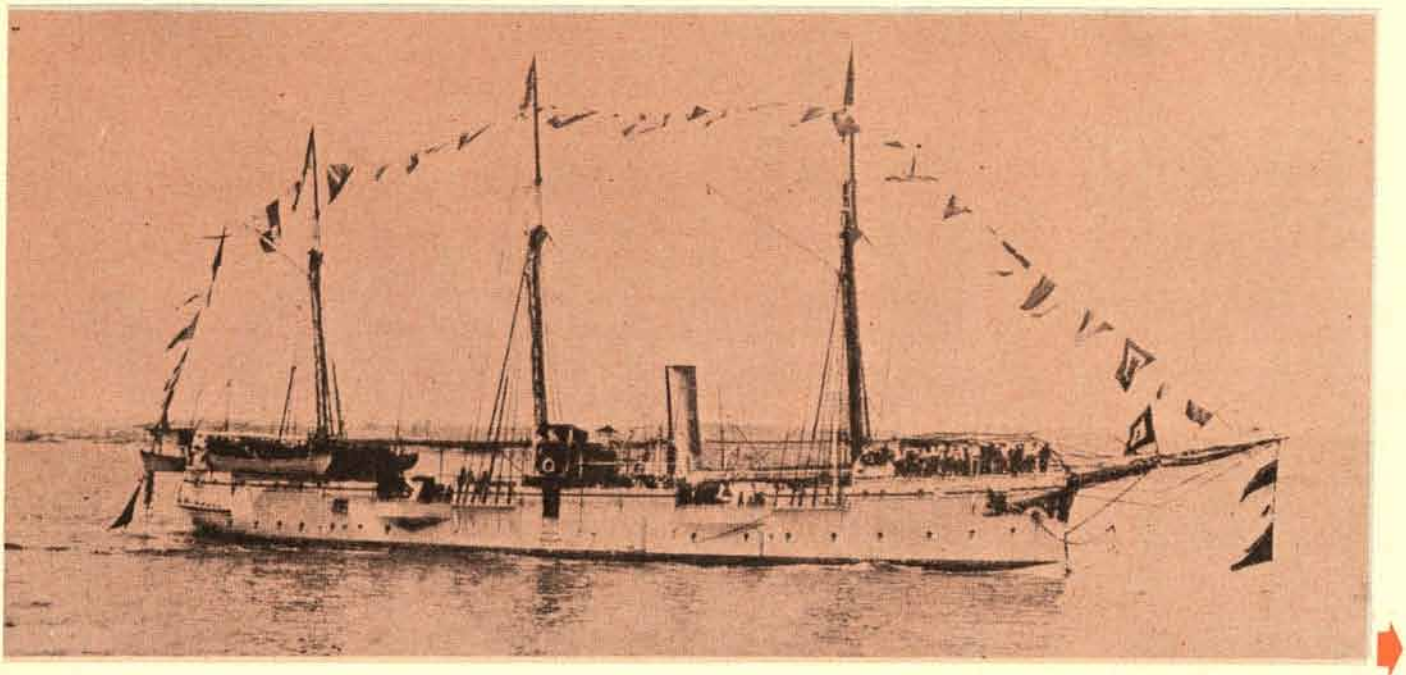
Falou-se, depois, no seu curso de entrada na Escola Naval, que era de 35 alunos. E ao chegar a este ponto das suas recordações, o comandante Maduro ficou triste. Por detrás dos óculos escuros que usa sempre, os seus olhos cansados enevoaram-se e foi com a voz um tanto emocionada que disse que de toda essa plêiade de verdadeiros marujos ele é o único sobrevivente...

E a conversa continuou, amistosa e franca, revelando o comandante Maduro uma lucidez e uma vivacidade de espírito que podem fazer inveja a muitos jovens de... 60 anos!

Lembrou alguns camaradas de curso e falou com especial carinho de dois: Henrique Monteiro Correia da Silva, nobre figura de marinheiro, muito amigo do rei, e Artur de Sacadura Freire Cabral, um bom camarada e aluno aplicado mas sempre muito metido consigo. Afirmou que todos os aspirantes do seu curso eram tão amigos que até pareciam irmãos!

A Marinha estava no último período de transição da vela para o vapor. Exclusivamente à vela, já só havia o transporte de guerra «Pêro de Alen-

Canhoneira «D. Luiz» (1893-1911). Última canhoneira mista. Nela embarcou o comandante Maduro como guarda-marinha em Cabo Verde. Segundo ele, era o navio mais bonito da Marinha. Por fora era pintado de branco; os interiores cor de grão



quer», que levava e trazia pessoal e material para as Divisões Navais do Atlântico e do Índico. Os restantes eram mistos ou a vapor. O maior de todos era o cruzador «D. Carlos».
Os navios ficavam todos no rio, fundeados ou amarrados a bóias, em frente do Arsenal. Não havia um único cais em todo o porto e o comandante Maduro lembra-se de ver as fragatas encalharem na margem norte e descarregar montes de melões e outros produtos hortícolas que traziam da margem sul.
O ambiente na Marinha era completamente diferente do de agora. Todos os oficiais em serviço na Divisão Naval do Tejo se juntavam na «Casa da Balança» antes e depois do serviço a bordo. Formavam-se grupos alegres e ruidosos conversando e discutindo os mais variados assuntos. Quando entrava o comandante da Divisão – um capitão-de-mar-e-guerra – todos se levantavam e faziam a continência. Estabelecia-se tal silêncio que era possível ouvir o zumbido das moscas! E só voltava tudo à primeira forma quando ele correspondia á continência e ordenava: «À vontade meus senhores.»
Os marinheiros tratavam os cabos por «senhor cabo» e não era raro ver um destes atrás de algum grumete mais atrevido para lhe dar umas «bichadas» por lhe ter faltado ao respeito. Em cima dos mastros dos navios era assim, com uma bicha de cabo, que os gajeiros e sotas tiravam o medo aos novatos e se faziam obedecer na manobra.

Como qualquer marinheiro que se preza, o comandante Maduro correu os sete mares e apanhou grandes temporais. Trabalhou duro e andou vinte e cinco anos pelo Ultramar, sempre ao serviço da Marinha.
Perdão, rectificou ele, estive 13 meses como governador interino de Benguela, mas não gostei nada! Foi o governador que lhe pediu para acumular esse cargo com o de capitão do porto do Lobito e ele até lhe disse: «Olhe que eu disso não percebo nada, só sei das coisas do mar...»

Depois falou das suas proezas como velejador e mostrou-me vários troféus conquistados em regatas: um relógio de fantasia, um binóculo, um óculo de longo alcance, diplomas, etc.
Mas a sua maior proeza desportiva fê-la quando era oficial da «Duque de Palmela», navio-escola de alunos marinheiros fundeada nas Quatro Águas na ria de Faro.
Havia outro navio-escola no Porto, a corveta «Estefânia», e no fim de cada ano os alunos de ambas recolhiam a Lisboa para assentar praça no celebérrimo Corpo de Marinheiros. Fazia-se, então, um renhido torneio desportivo entre os alunos das duas escolas, com provas de remo, tiro, natação, saltos, corridas, etc.

Cap.-frag., comandante do «G. Velho»

A certa altura instituiu-se uma taça que ficaria na posse definitiva da escola que vencesse três anos consecutivos.
– Pois, meu caro amigo – disse o comandante Maduro –, a minha equipa ganhou o primeiro ano, o segundo e... o terceiro! A Escola de Faro ficou, logo, com a taça.

O comandante Maduro passou à reforma pela Junta de Saúde Naval quando tinha 58 anos de idade.
É viúvo e tem três filhas também viúvas, nove netos e dezoito bisnetos. Um dos netos é major de Cavalaria e dois são capitães de Infantaria. Um dos bisnetos é já alferes de Engenharia.
– E veja lá o meu desgosto – disse o comandante Maduro – de não ter ninguém na Marinha...

E aqui têm os nossos caros leitores, como vos prometi, um pouco da vida simples de um homem simples.
O resto é fácil de adivinhar... aventuras, alegrias, desgostos, mar, balanço, família... a vida de um marinheiro, enfim, com todas as suas alegrias e tristezas.
E já à porta, quando nos despedíamos com um abraço, o comandante Maduro confessou-se muito satisfeito por nos termos lembrado dele e afirmou, do que não duvidamos, que continua a amar a Marinha como quando em 1897 vestiu a farda com botões de âncora pela primeira vez!

M. do Vale

bibliografia

OS ADORADORES DO SOL – Cadernos de um escritor, por Fernando Namora

(2.ª edição da Europa-América)

É já dos fins de 1971 este livro de Fernando Namora. Não se trata de uma obra de ficção do tipo de «Retalhos da vida de um Médico», «Casa da Malta» ou «Domingo à Tarde», por onde o neo-realismo abriu estrada na literatura portuguesa. Fernando Namora, depois desta última obra, mudou o curso do seu fecundo estilo de romancista para um tipo de ficção ao jeito de crónica, misto de jornalismo e ensaio, onde as notas, apontamentos e reflexões de viagem nos surgem em traços incisivos a que se juntam a análise e as considerações pessoais relativas ao que viu e sentiu.

ROMANCE DA GATA PRETA – Fábulas e poesias, por Patrícia Joyce

No género tão difícil – quanto raramente bom – da literatura e da poesia para crianças, encontramos, por vezes, verdadeiros achados. É o que acontece com este «livrinho» de Patrícia Joyce. São histórias novas (e não as velhas e sediças histórias mil vezes recontadas e recompostas) onde o ritmo e a cadência verbal são como uma porta aberta por onde a criança mais fàcilmente penetrará no mundo dos sentimentos que povoam o caminho da consciência.

Autêntica poesia para crianças (e porque não adultos?) este «Romance da Gata Preta»!

TEMPO AFRICANO, por Manuel Barão da Cunha

Trata-se de um livro cujo autor já antes escrevera a célebre obra «Aquelas Longas Horas», cuja temática é a luta no Ultramar. Em Barão da Cunha não devemos procurar ficção mas, outrossim, o real – naquela objectividade e realismo de quem conta, sem vestes de fantasia, o que viu e viveu. É toda essa ronda dura, trágica e grande dos assaltos, combates, ribombos de granadas, a paz dos rios e musseques, o bulício das cidades, a África, enfim... que perpassa nos seus livros.

COLECÇÃO O HOMEM E O TEMPO, da Editora Meridiano

Acabam de aparecer, nesta valiosa colecção, mais dois volumes: *«O Anarquismo» de George* Woodcock, conhecido ensaio de filosofia política;

«A Indústria da Cultura», colecção de estudos e ensaios acerca da sociedade de consumo e do sistema neocapitalista, reunindo nomes como sejam Dwight Macdonald. Daniel Bell. Edward Shols. C. Greenberg, Leo Lowental, P. F. Lazarfeld e R. K. Merton.

COLECÇÃO MOCHO, da Editora Estúdios Cor

A iniciar esta colecção surgiu há pouco a publicação do famoso ensaio político de H. David Thoreau «A Desobediência Civil».

O. Lemos

A Canção do Pescador

– Eh, Jão! Na é por mais uma miséria de meia dúzia de canastras qu'a gente vai ficar aqui mais tempo... Os outros já alaram tudo e procuram terra, home! – Tens razão, Quim! – assentiu João, sócio e cunhado do outro, e arrais da «Rabiosa», traineira da pesca do alto. E gritou a esperada ordem: – Eh, gente! Vamos a puxar o material! Isto tá a pôr-se quente...

Já todas as outras traineiras demandavam porto de abrigo, sumidas lá ao longe no alvorecer cendrado, subindo e descendo os caprichos do mar. A vaga cavava de momento a momento. O mar engrossava. Quando a «Rabiosa» iniciou a viagem de regresso, já as ondas rendadas de espuma se haviam tornado alterosas, atirando-se numa fúria desfeita contra a frágil embarcação. Torciam-se, roncavam, enfiadas a norte, colhendo no galgar furibundo o costado de madeira e ferro, semeando no coração dos homens um temor religioso. O vento sul, forte, uivante, guinchava nos mastros e no cordame, colhia as obras mortas, esfiampava as redes e os balões de corda, empurrando, massacrando, fazendo a «Rabiosa» adornar a bombordo. Mas o barco resistia. Furava o líquido alqueive dobrado, enrolado, sumindo-se aqui na cava para surgir mais além na zina da vaga, o hélice martelando a água verde-negra, topando agora ou logo vazio, o motor pulsando descompassado no surdir momentâneo da cavitação.

No casinhoto do leme, João alongava a mirada tentando enxergar o negro de terra, ora mais desejado do que nunca. Pelo janelo aberto na antepara, espreitava, de espaço, o Aniceto, atento ao matraquear do motor, preocupado com as acelerações rápidas que a vinda do hélice quase á tona da água, uma ou outra vez, determinava. O Aniceto, esse, não desfitava a alavanca do regulador de veloci-

dade pronto a actuar nela se o motor desarvorasse. E a mole negra da terra apareceu lá nos confins do horizonte, confundindo-se com ele. Aos poucos, ia perdendo o tom negro, ficando castanho-cinzento e depois castanho-verde. Na frente da «Rabiosa», a «Anabela», do mestre Zé Cabrita, algarvio imigrado no litoral vareiro, caminhava aos tombos na direcção do molhe cada vez mais visível.

– Vão muito a norte! – berrou o João.

– Qu'é, Jão? – perguntou o Aniceto, lá de baixo.

– O ti Zé Cabrita vai muito a norte. Se continua assim vai bater nos calhaus fora do molhe...

O Quim veio para junto do cunhado. Também os outros pescadores vieram espreitar a «Anabela». O barco descaíra para norte, por força do mar e do vento. Lutava agora para aproar francamente a sul, reconhecido o perigo que corria. Mas o mar e o vento tinham enchido. Colhiam a embarcação pelo través, dificultavam a manobra, tolhiam os intentos dos homens. Por momentos, pareceu que a «Anabela» passaria safa... Mas não: tangenciou as rochas, escapou-se num arranco de animal em pânico, indo, contudo, atropelar por bombordo a ponta do molhe que espigava pelo mar dentro. Estremeceu, ferida, rodopiou, e acabou por entrar no porto quase à deriva, as águas a pejarem-lhe as entranhas, dois homens rebolando-se, malferidos, pelo convés em desordem. Foi varar na praia, inesperadamente tombada para estibordo, a companha atordoada lamentando à porfia com as mulheres e as crianças que se amontoavam na areia doirada, as dores dos dois camaradas vítimas do turbilhão assassino do mar em fúria.

Outrossim a «Rabiosa» descaíra sensivelmente para norte, correndo os mesmos riscos da «Anabela». A observação do que acontecera aos camaradas distraíra o jovem mas experiente arrais. João apercebeu-se do risco que corriam. O vento corria à desfilada pela face do mar, abrutado e cego, fazendo aumentar o perigo. O medo tomou todos os homens. Aniceto enfiou a cabeça descoberta pelo janelo, tentando inventariar a situação, uma ansiedade a dirigir-se para terra. O Quim, ao lado do arrais, afirmou:

– Isto tá feio, Jão! Se continuamos assim vamos bater pela certa...

– Na batemos nada, Quim! Vou guinar na cava da vaga. É enorme. Dá tempo prá gente se safar... – e gritou para o Aniceto. – Toma atenção ao motor, Niceto, e deixa o resto comigo.

O Quim murmurou mais do que disse:

– Ah hó, Jão! Juro p'la alma da 'nha mãe que lá tá no Céu que se escapar desta caso co'a Mari'Zabel!...

– Na fazes mais qu'o teu dever. Sabes o que lhe deves, na é?... – e João concentrou todo o seu cuidado na arriscada manobra.

Quando a embarcação guinou abertamente para estibordo, o Quim gritou numa advertência:

– Eh, Jão! S'a crista da vaga nos caça, volta a gente...

Os outros corroboraram, o traquejo da vida rude e perigosa tentando vencer o medo. O arrais bradou-lhes:

– Ah hó, gente! Eu sei o que faço! Mais vale afrontar o p'rigo de nos voltarmos do que irmos enfiar na pedra... Ali ninguém se safa!

O leme levou a «Rabiosa» para sul, as pedras emergindo a menos de cem metros da popa.

– Força no motor, Niceto! – comandou o arrais.

Nova e propositada guinada para estibordo fez o barco enfiar no cavado enorme. A proa, por instantes, apontou a oeste. A «Rabiosa» ganhou distância às rochas, fugindo delas. Quando a vaga se elevou ameaçadora, prestes a esparralhar-se sobre a frágil presa, João rodou a roda do leme toda para bombordo. A proa esguia, já enfiada à montanha líquida, cortou a massa imensa de fúria esverdeada. Em manobras similares, sucessivas, a «Rabiosa» foi-se afastando do perigo. Por fim, girou completamente, aguentou na amura o embate secundário do mar, gemeu no maltratar do cavername de madeira, e demandou a entrada do porto, a salvo, empurrada pelas vagas amortecidas no esporão que a acometiam num derradeiro e frustrado furor pela alheta de estibordo.

Um grito uníssono de alegria se sobrepôs, definitivo, às lamúrias das gentes adivinhando lutos. A bordo, o Jacinto, o mais geniquento pescador da «Rabiosa», berrou na explosão da vida conservada:

– Eh, arrais duma cana! – e pulava no convés, abraçado aos companheiros, os rostos de todos sulcados pelo líquido salgado, quente e frio, lágrimas e mar.

João, vencida a tormenta, um orgulho de lobo do mar a estuar-lhe nas veias, ergueu os olhos, numa oração muda, para o céu esplendorosamente azul e púrpura que espreitava pelas janelas das nuvens baixas, pardacentas, aqui e ali tingidas também de púrpura, no qual trepava um Sol longínquo, indiferente e calmo. Depois o seu olhar abraçou a gente que enchia o molhe e a praia. O coração bateu-lhe mais apressadamente quando lobrigou a mulher, cingida aos dois filhos do casal, o rosto ainda ansioso rasgando-se num sorriso simples. Junto dela, a Maria Isabel, noiva mais ou menos desprezada do Quim, mirava também a «Rabiosa», uma expressão agridoce a encrespar-lhe os lábios.

– A Mari'Zabel parece uma viúva, ó Quim!... Desde que a deixaste nunca mais deixou as roupas escuras.

– Eh hó, Jão! A Mari'Zabel nunca mais há-de vestir luto... Só q'ando eu morrer ou morrer algum filho nosso...

Sorriam os dois homens, enquanto a «Rabiosa» se fazia à atracação, orgulhosa de mais uma vitória sobre o mar de caprichos.

A. Coentro

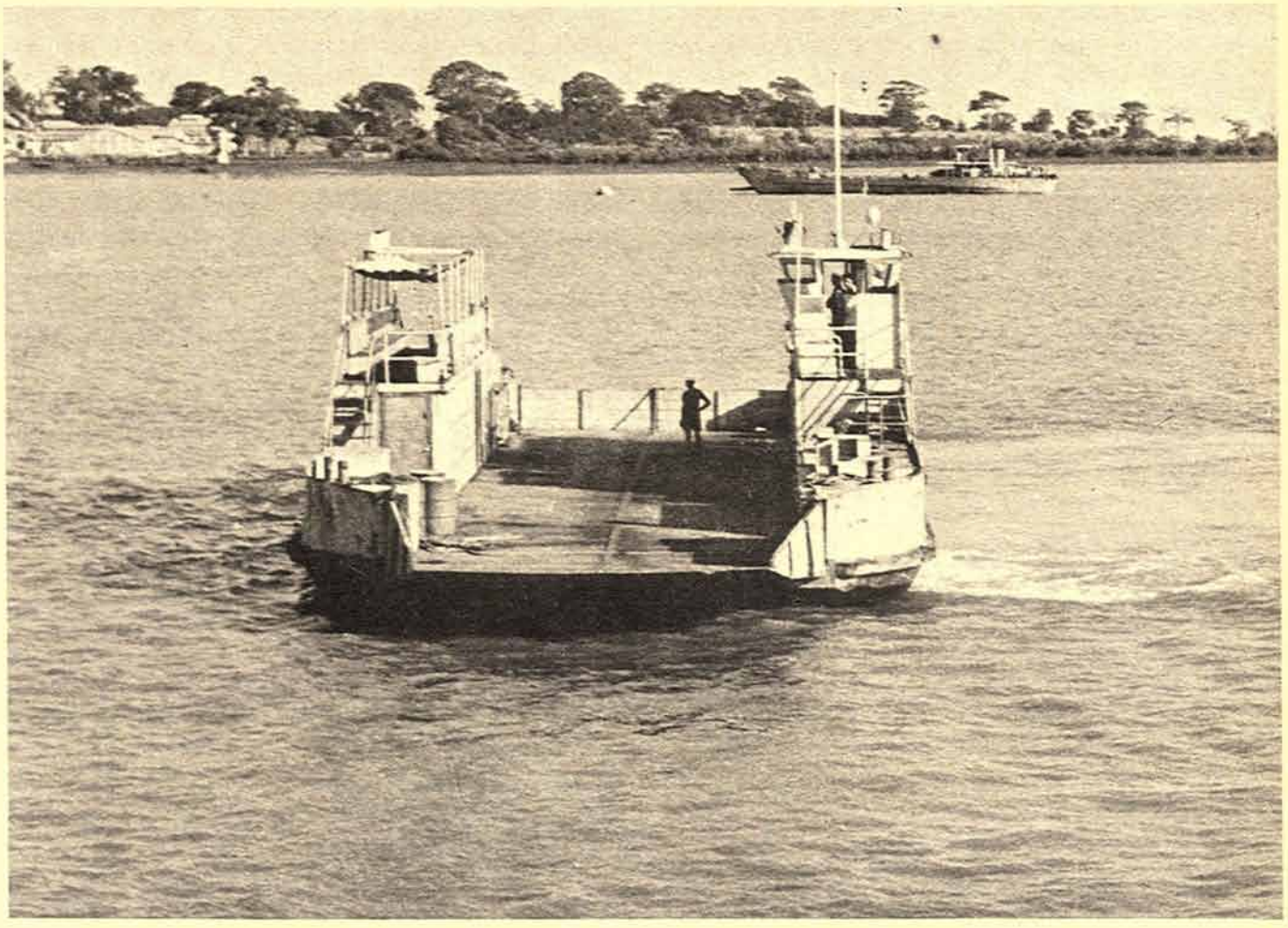
A NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM NA GUINÉ

Satisfazendo o pedido da «Revista da Armada», esperamos, nas poucas linhas que se seguem, dar uma ideia da situação actual da navegação de cabotagem na Guiné. Quando se olha uma carta desta província, salta imediatamente à vista a importância que nela tem este tipo de navegação. Com efeito, o litoral é franjado por numerosos rios e a pequena distância da costa estende-se o arquipélago dos Bijagós.

A rede das ligações de cabotagem deve, no entanto, delinear-se em concordância com a rede de estradas asfaltadas. Na junção dos dois meios de comunicações situam-se os portos.

Dado que a velocidade de escoamento das mercadorias é um dos objectivos prioritários no desenvolvimento de qualquer região, é sobre estes três elementos – cabotagem, estradas e portos – que se concentra a atenção dos responsáveis por esse desenvolvimento, e à Marinha cabe papel importante nessa tarefa. Dentro desta ordem de ideias os Serviços de Marinha criaram carreiras regulares de cabotagem que mantêm com a sua frota de navios e embarcações, desempenhando,

Navio de transporte fluvial dos serviços de Marinha



assim, uma função supletiva da iniciativa privada e garantindo a deslocação de pessoas e também de mercadorias entre os portos da província. A frota dos Serviços de Marinha é, actualmente, composta pelas seguintes unidades:

NOME	LOTAÇÃO	PORTE (ton. metricas)
Formosa	*140*	*24*
Corubal	*140*	*24*
Bor	*190*	*40*
Pecixe	*24*	*8*
CP 10	*200*	*300*
CP 11	*200*	*300*
CP 12	*50*	*50*
CP 13	*50*	*50*

Actualmente estão servidas com carreiras regulares as seguintes localidades e ilhas: Xime, Enxudé, Bolama, Empada, Bubaque, ilha de Pecixe, Teixeira Pinto, ilhas dos Bijagós e dentro em breve Buba, Cacine e Gadamael.

Tem sido muito vincado o ritmo de subida desta actividade, conforme se pode ver pelo quadro que a seguir se apresenta:

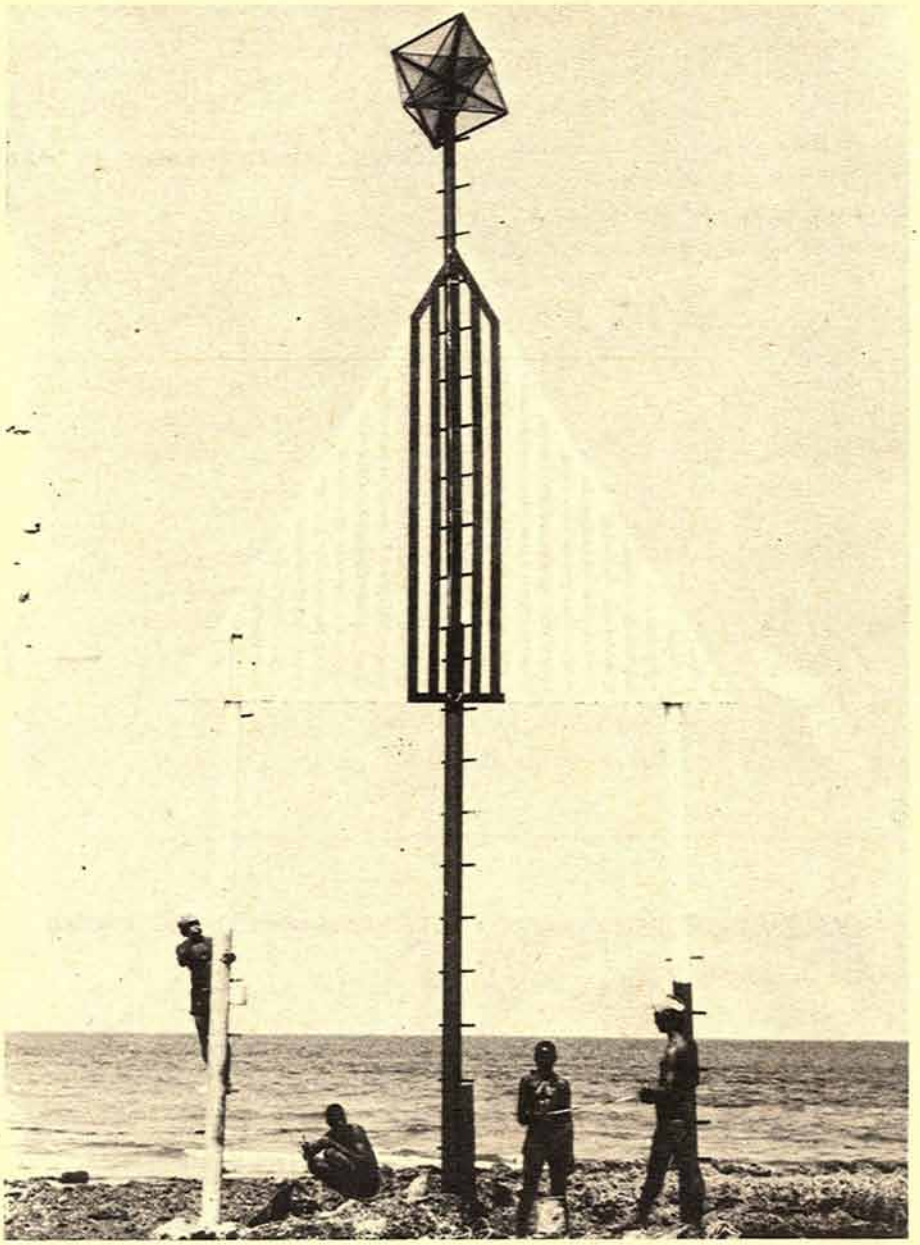
SERVIÇOS DE MARINHA

ANO	PASSAGEIROS	CARGA
1969	*4 710*	*1998*
1970	*17 869*	*3267*
1971	*38 362*	*5585*

Por seu turno, as embarcações particulares de cabotagem, que são actualmente 73 (45 motorizadas), totalizam 2641 toneladas de porte e suportam a parte principal do escoamento das cargas de Bissau para os portos interiores e vice-versa, podendo a sua actividade avaliar-se claramente pelo quadro que a seguir se indica:

CARGA MOVIMENTADA PELA CABOTAGEM NO PORTO DE BISSAU

ANO	TONELAGEM ENTRADA	SAIDA
1969	*29 064*	*21 497*
1970	*31 853*	*24 550*
1971	*21 607*	*20 247*



Marca Norte do Canal Melo

Para apoiar o incessante movimento desta navegação e ainda da militar, os Serviços de Marinha colocaram no litoral e nas ilhas 36 faróis, farolins e bóias luminosas e 85 marcas com reflectores de radar. A manutenção desta extensa rede de farolagem e balizagem mobiliza permanentemente apreciáveis meios humanos e de material.

Na rede geral das comunicações os portos produzem uma «frenagem» no escoamento normal das cargas, motivo porque existe sempre a preocupação de reduzir o efeito desse retardo. Por este motivo se iniciou já a mecanização dos portos interiores da Guiné. Deve acrescentar-se que estes são todos de reduzidas dimensões. No entanto, alguns há cujo movimento é apreciável: em 1970 Bambadinca registou a visita de mais de um milhar de embarcações de cabotagem e por Catió e Bedanda escoou-se um total de 10 000 toneladas de arroz.

Este é o panorama das comunicações de cabotagem na Guiné. Da sua importância falam claramente os números.

No quadro geral dos transportes na província tem a Marinha apreciável papel a desempenhar e não restam dúvidas que isso significa parte considerável do esforço que o desenvolvimento da Guiné está a exigir.

S. Leitão

saibam todos

Que existe um prémio pecuniário, resultante do rendimento anual da doação de 40 mil escudos feita pelo capitão-tenente Joaquim Costa, que é concedido ao aluno mais classificado de todas as escolas de aplicação do 2.º grau. Este prémio tem o nome do herói da guerra em África, morto em combate em 1916, JOÃO DIAS GALEGO, cabo fogueiro.

Que não é permitida desistência de declarações feitas em resposta a convites publicados na Ordem da D.S.P. – 2.ª Série (OP2).

Que não são aceites inscrições em escalas de voluntariado a praças que tenham obtido classificação de fraco na Instrução Técnica Elementar (I.T.E.) ou reprovado no 1.º grau.

Que o número total dos elementos que constituem o Ministério da Marinha é de 26 307, incluindo cadetes e aspirantes da Escola Naval, oficiais, sargentos e praças do activo e civis.

Deste número, 19 217 é o total de militares.

Dentre as praças do activo, cujo número ascende a 14 694 homens, a 5.ª Secção, constituída pelos fuzileiros, músicos e clarins, é a que reúne maior número de elementos (cerca de 4200). sendo a grande maioria fuzileiros.

O número total de civis é de cerca de 7000, sendo cerca de 5000 da Metrópole e cerca de 1900 de todas as províncias ultramarinas, com excepção de Macau. Dentre as especialidades do quadro do pessoal civil, contendo 22 profissões, destacam-se como curiosidade as de mateiros, serventes, costureiras e lavadeiras, pertencendo no entanto o maior número às especialidades de secretaria, hospitalar, polícia marítima, cabos de mar, faróis e troço de mar.

notícias pessoais

CASAMENTOS

1.º ten. Leopoldo Câmara O. Bastos Jorge casou, em 29-3-72, com D. Maria Cecília S. D. Aulicino.

2.º ten. Joaquim Alho P. Lino casou, em 26-2-72, com D. Maria Amélia S. Chagas.

2.º ten. FZ RN Hernâni Vidal Resende casou, em 5-3-72, com D. Fernanda Camila F. Marques.

Subten. RN David Manuel C. P. Mousinho casou, em 19-2-72, com D. Maria Luísa C.M.P. Mousinho.

2.º sarg. H – José E. S. Santos casou, em 23-3-72, com D. Maria M. R. D. Santos.

382/64/C. L – Afonso casou, em 20-3-72, com D. Alzira R.E. Afonso.

1724/65/C. US – Cardoso casou, em 7-3-72, com D. Dídia M. P. Cardoso.

1504/67/Mar. FZE – Anjos casou, em 1-3-72, com D. Maria do Carmo C. Duarte.

1934/69/Mar. S – Inácio casou, em 7-3-72, com D. Maria João S. N. Inácio.

1043/69/1.º gr. CM – Peres casou, em 7-3-72, com D. Antónia S.P.Peres.

1781/67/1.º gr. E – Costa casou, em 24-3-72, com D. Maria C. C. M. da Costa.

FALECIMENTOS

1.º ten. SG Ref. António Augusto de Almeida faleceu em 17-4-72.

1.º ten. SG Humberto Sousa Pinto faleceu em 28-4-72.

171/67/Mar. FZE – Salgueiro faleceu em 16-3-72.

857/69/Mar. FZE – Duarte faleceu em 29-3-72.

710/70/1.º gr. FZE – Cidade faleceu em 24-3-72.

Mário Goulart, cabo de mar do QPC, faleceu em 13-4-72.

Francisco Ramos, ajudante de fiel do QPC, faleceu em 20-4-72.

PASSAGENS À RESERVA

Sarg. aj. L – Fernando C. Barbosa passou à Reserva Aa em 29-2-72.
1.º sarg. AP – José S. Ferrão passou à Reserva Aa em 29-2-72.
662/C. CM – Oliveira passou à Reserva Aa em 16-3-72.
695/C. Aux. – Mendonça passou à Reserva Aa em 27-3-72.

APOSENTAÇÕES

Guilherme M. Pereira, patrão de costa do QPC.
Elfredo Espírito Santo, operário especial do QPC.
Virgínia A. S. Monteiro, costureira do QPC.

Conforme noticiámos, realizou-se em Janeiro passado, em Bissau, o casamento do 1.º ten. FZE Alberto Rebordão de Brito com D. Maria Conceição S. M. Ribeiro. A «Revista da Armada» deseja ao simpático casal as maiores felicidades.

voz da abita

De Mário Gonçalves, ex-grumete, autor da carta que deu origem ao artigo «O Amor do Marinheiro pelo seu Navio», publicado no n.º 3 da nossa Revista, recebemos uma carta de que transcrevemos o seguinte:

«Maçussa, 30 de Março de 1972.
«Depois de ter recebido o exemplar n.º 3 da nossa Revista, por amabilidade do sr. almirante Ramalho Rosa, fiquei até hoje em ansiedade de realização, retardada devido à minha ocupação em obrigações profissionais, porquanto queria:
«1.º – Agradecer ao sr. almirante a sua lembrança, e mais, darmo-nos à alegria de uma visita, fruto da velha saudade dos marinheiros.
«2.º – Assinar imediatamente a Revista.
«3.º – Promover uma reunião da tripulação do aviso «João de Lisboa», na sua viagem de 1949 ao Extremo Oriente.
«Estas intenções não irão com a celeridade que lhes desejaria dar, mas terão de ir avante porquanto, inesperadamente, várias pessoas – marinheiros dos tempos mais recentes – me identificaram e fazem chegar às minhas mãos mais exemplares do n.º 3 da Revista, que, por sua vez, desaparecem nas mãos dos amigos e vizinhos. Outros localizaram a fábrica onde estou empregado e pedem notícias minhas, isto é, há uma latente saudade em todos os ex-marinheiros. Tocar nela é «pedra no lago», é agitar a serenidade das lembranças do subconsciente. É aquilo que eu disse ao sr. almirante: «Chorarmos sem que aqueles que estão junto de nós percebam a razão».
«Todavia, sem o carácter piegas em que me expressei, uma mão amiga de um marinheiro que veio a minha casa e (por eu não estar, não conheci) fez-me oferta do exemplar n.º 2 da Revista. Leram a «Nota de Abertura»? Decerto. Pois é simplesmente em meia dúzia de parágrafos a síntese e o detalhe do que é «Ser Marinheiro».
«Aqui para nós, quero acrescentar-lhe que há ainda outra faceta engraçada a nosso respeito, e que já no filme «Bocage» se resumia na «Marcha dos Marinheiros», disco que mais tarde, quando fundei o Rádio Oceano, no Caramulo, marquei como Hino de Abertura do Posto Emissor dos Marinheiros.
«(...) Concretizemos agora assuntos. Peço o envio de mais dois exemplares de cada um dos números 1 e 2 da Revista e para pagamento destes e da assinatura anual remeto com o valor em branco, que farão o favor de preencher, o cheque n.º 655547 s/o Banco Fonsecas & Burnay – Cartaxo.
«O outro assunto pendente é o da reunião da antiga guarnição do «João de Lisboa». Vou falar dentro de dias com sr. comandante de então, para se combinar o convite e o local de inscrições. Tenho cá no meu «Museu» as ementas do rancho «dia-a-dia», e outras observações do meu diário, que escrevi desde que entrei na Armada até sair.
«Enfim, recordar é viver. Saudações fraternais do ex-grumete torpedeiro 8329.»

De Gualter Guerra, 1.º-gr. FZ:

«Nacala, 12-4-72

«Principiando por pedir desculpa pelo incómodo que vos possa causar, venho até vós através desta minha missiva tentar cooperar com um simplicíssimo poema da minha autoria na nossa esplêndida Revista. Tenho acompanhado o seu progresso, constante, de número em número, e com grande sinceridade vos digo que a nossa Revista é formidável; nela se encontra um pouco de tudo, sendo esse tudo um mar imenso de cativante leitura. Assim, instigado por algumas palavras nela descritas e por uma força interior abstracta, mas contudo concreta, de querer colaborar naquilo que para nós foi pensado e feito, fui privilegiado num momento de maior concentração espiritual, inspirando-me num dos momentos do verídico actual. Alguns versos surgiram e se a vossa permissão for recíproca ao meu desejo, gostaria de vê-los publicados na nossa Revista.

«Para vós, bons amigos, agradeço a vossa atenção e formulo votos sinceros de inúmeras felicidades para a nossa Revista que tão bem recebida tem sido por todos aqueles que compreendem o intuito das vossas canseiras.»

N.R.: *Os versos recebidos, se for caso disso, serão publicados de acordo com as necessidades da Revista.*

VOZ DA ABITA

De D. Júlia Rosa Freitas Pinto, esposa de um ex-marinheiro e actualmente funcionário dos quadros do pessoal civil:

«Sesimbra, 20 de Março de 1972.

«As minhas mais cordiais felicitações pela laboriosa direcção da «nossa» Revista, bem como a todos os seus prezados colaboradores.

«Antes de dizer ao que venho, vou identificar-me como fazendo parte também da família marinheira, pois sou esposa de um ex-marinheiro, agora integrado no quadro civil. Meu marido é assinante desde o primeiro número, e por minha parte confesso que gosto muitíssimo de a ler, talvez por me sentir de certo modo ligada aos costumes da Marinha.

«Conforme pedido de colaboração da «nossa» Revista, atrevo-me a enviar uns simples poemas que escrevi, que no caso de acharem convenientes e lhes quererem dar um cantinho na «nossa» Revista, outro mérito não será o meu que não seja ùnicamente a boa vontade que tenho em colaborar também. O meu muito obrigada desde já, pois mesmo no caso de não ter préstimo o meu modesto trabalho, desejo de todo o coração que apareçam colaborações positivas para o engrandecimento, sempre maior da «nossa» querida Revista.»

MARINHEIRO

I

A nossa Revista estou lendo,
e parece-me ouvir vozes dizendo:
«Escreve algo para nós!»
Assim, marinheiros, em vós pensei,
pois também minha vida dei,
por amor, a um de vós.

II

Meus queridos marinheiros:
a vós, vos tenho primeiros
no coração com ardor.
Se vosso sabor é a sal,
deste lindo Portugal,
sois o gostoso sabor!

III

Quando em noites tenebrosas
com as vagas alterosas
e com os nervos à solta,
vós sentis bem que o mar
tudo vos pode tirar
nuns instantes de revolta.

IV

Depois..., depois vem a bonança,
como por milagre vem a esperança,
pois o mar ficou quieto!
Oh, Deus!... Basta-lhes um só olhar
para que o revolto mar
lhes pareça um céu aberto!

V

Quando se pensa bem,
sempre alguma coisa se tem,
dentro de nós algo existe.
Olhai o que vos vou dizer:
Feliz comecei a escrever
e acabo ficando triste.

VI

Porquê? Certamente perguntais.
E vede que não me enfadais
se me procurais a razão.
Não conheço nenhuma delas,
mas sei que estais com elas,
como elas em meu coração.

VII

Quando partis em viagem,
dão-vos tanta coragem,
mas vossos corações estão sofrendo.
Quando ides plo mar fora,
vossas almas choram agora,
pois vossos filhos não estais vendo.

VIII

Falo das Mães Portuguesas
que nos deram e darão as certezas
do Portugal de ontem e de amanhã.
Hoje..., coragem marinheiros!
Do bem sede vós obreiros
e nossa fé não será vã!!!

SELOS COMEMORATIVOS DO 4.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE CAMÕES

O dia 10 de Junho foi muito justamente escolhido para comemorar o Dia da Raça, Dia de Portugal.

Assim, comemoram-se os feitos valorosos de um povo e a memória do maior poeta português – grande entre os maiores poetas do Mundo e de sempre –, Camões, que em versos repassados de patriótico amor escreveu a epopeia nacional «Os Lusíadas». Há ainda a acrescentar este ano a particularidade de se comemorarem e festejarem os quatrocentos anos da primeira edição dessa imortal obra.

A figura de Luís de Camões apareceu pela primeira vez em selos em 1924, quando das comemorações do quarto centenário do seu nascimento. Efectivamente, nesse ano, os correios homenagearam o Épico mandando executar e pôr em circulação uma série de selos, trinta e um, quanto a nós os mais excelentes de sempre na filatelia portuguesa. Realmente estes, apreciados nos seus diversos aspectos – formato, papel, impressão e temas escolhidos –, são maravilhosamente belos. Os temas, especialmente desenhados para o efeito, focam, além da figura do poeta, a sua passagem por Ceuta, onde tràgicamente perdeu um dos olhos, o naufrágio onde esteve prestes a perder-se a sua obra, a portada da primeira edição de «Os Lusíadas», uma cena representativa dos seus últimos momentos de vida, o túmulo onde repousa e ainda a estátua erguida em sua honra e que dá o nome a uma praça de Lisboa.

Trata-se, na realidade, de uma série de selos que é um regalo para os olhos e para o espírito, sendo ainda de realçar o facto de ter alguns valores impressos em papel de cor.

G. Brandão

PARA INICIADOS: AS TROCAS FILATÉLICAS

Uma das mais aliciantes actividades oferecidas pela filatelia ao coleccionador é, sem sombra de dúvida, a troca ou permuta com outros coleccionadores.

Devido ao grande incremento que actualmente a filatelia tem em todos os países e, consequentemente, maior número de coleccionadores, essas trocas são de sobremaneira facilitadas.

Encontramos em secções filatélicas de jornais, revistas e outras publicações da especialidade os mais variados anúncios de coleccionadores pedindo correspondentes para troca de selos. Há também as agremiações ou núcleos de filatelistas, que, periòdicamente, promovem sessões de trocas entre os seus associados. É, pois, aconselhável ser-se sócio duma dessas colectividades que nos permitam procura mais directa das peças em falta nas nossas colecções, além das novas amizades que advêm desse contacto com outros coleccionadores.

Os selos repetidos que nos irão servir para as permutas, devem ser tratados com o maior cuidado – como se se tratasse de um selo para a nossa colecção –, pois eles representam a possibilidade de aumentarmos a colecção duma maneira económica num futuro mais ou menos próximo através de trocas.

Não devemos amontoar os selos repetidos mas guardá-los com ponderação e critério.

Há diversos sistemas para guardar estes selos, tais como classificadores e sobrescritos.

Não aconselhamos o sistema de classificadores, pois torna-se dispendioso devido ao grande número de selos repetidos que normalmente possuímos.

O mais aconselhável é o uso de sobrescritos. Existem à venda no comércio da especialidade sobrescritos de papel cristal próprios para o efeito.

A arrumação desses selos deve ser feita seguindo a numeração do catálogo. Para pouparmos espaço, podemos utilizar o mesmo sobrescrito para guardar todas as taxas da mesma emissão. No anverso de cada sobrescrito indicar-se-á, no canto superior direito ou esquerdo, o ano e a

emissão dos selos e os números que lhe são atribuídos no catálogo. Convém que os sobrescritos sejam todos do mesmo tamanho, para possibilitarem a sua arrumação em caixas ou gavetas (sistema ficheiro) e facilitarem uma procura rápida.

Os selos estrangeiros, porque realmente temos poucos, podem ser guardados e classificados por países.

Em próxima oportunidade iremos publicar algumas direcções de agremiações e núcleos filatélicos para vos facilitar o seguimento dos conselhos que demos sobre trocas.

PELO MUNDO

Como habitualmente, os correios portugueses puseram em circulação no passado dia 1 de Maio a série «Europa-72», com as taxas de 1$00, 3$50 e 6$00. Houve sobrescrito do 1.º dia para aposição do respectivo carimbo comemorativo.

Reproduzimos o bloco comemorativo da Exposição Filatélica Internacional «Liba-72», a realizar no Liechtenstein, que os correios deste país porão em circulação no dia 8 de Junho corrente. O bloco representa a Igreja de Bendern, em Vaduz. Foi criada uma brochura em três línguas, com todos os factos históricos relativos a esta igreja. A brochura é vendida a 1 franco e com o bloco a 4 francos. Existem artísticos sobrescritos para aposição do bloco e carimbo.

António Vieira Pinto
Mar. A

desportos

FUTEBOL

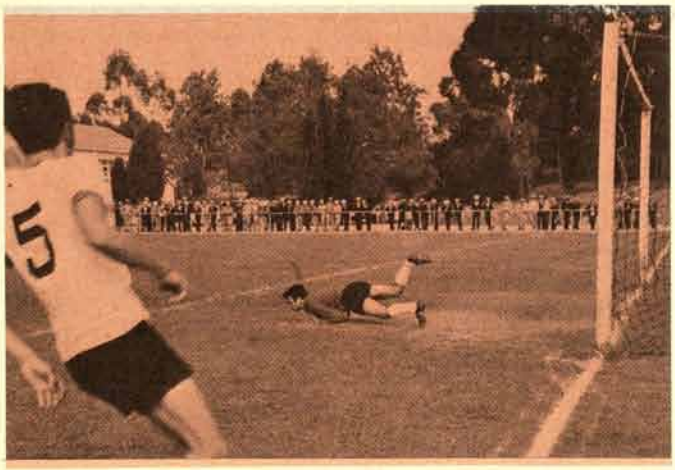
Grupo n.º 1 de Escolas da Armada

Justo vencedor do Campeonato da Armada

Com a vitória do Grupo N.º 1 de Escolas da Armada, ao bater na final o Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha por 3-2, terminou o Campeonato da Armada.

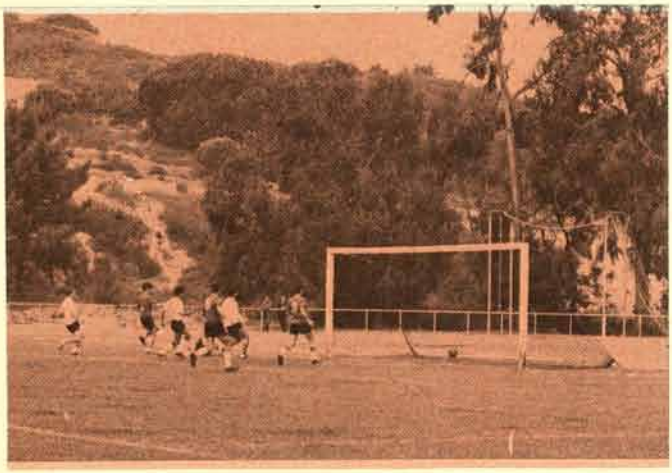
Para o 3.º lugar defrontaram-se a Escola de Fuzileiros e a Base Naval de Lisboa, téndo os primeiros ganho por 4-2 após prolongamento.

Os campeões, a taça e a numerosa falange que veio de Vila Franca de Xira para apoiar a sua equipa.



G. 1 E. A., 3 – C. S. D. M., 2 – A equipa do C. S. D. M. apenas cedeu na parte final. Rodrigues guarda-redes do C. S. D. M. conjurando um lance de perigo, quando o marcador registava 1-1.

G. 1 E. A., 3 – C. S. D. M., 2 – Morgado, que não se vê na fotografia, aos 35 minutos da 2.ª parte marca o 2.º golo, pondo o G. 1 E. A. a vencer por 2-1.



Escola de Fuzileiros, 4 – B. N. L., 2 – Aos 5 minutos do prolongamento Patrocínio marca o 3.º golo da Escola de Fuzileiros.

O director de instrução do C. E. F. A., cap.-ten. O. Maldonado, entrega a taça a Oliveira, cap. da equipa do G. 1 E. A.

Entretanto, registem-se os resultados das meias-finais:

G. 1 E. A., 3 – Base Naval de Lisboa, 1
C. S. D. M., 2 – Escola de Fuzileiros, 1

O título conquistado pelos rapazes de Vila Franca é justíssimo. Foi de facto a equipa mais regular e a única que contou por vitórias os jogos disputados.

A final realizou-se no Estádio da B. N. L., no passado dia 26 de Abril, presenciada por numerosa assistência que seguiu vivamente interessada o desenrolar do encontro.

Árbito: Rochart, auxiliado por Abrantes e Oliveira (monitores do C. E. F. A.)

G. 1 E. A. – Vigário, Salvaterra, Armando, Caldas, Silva e Pedro Gomes; António José, Oliveira, Morgado, Coelho e Mourato.

C. S. D. M. – Rodrigues, Curto, Tejana, Gomes, Jesus e Cabaço; Passos, Pascoal, Rebelo, Xavier e Nogueira.

Marcha do marcador: ao intervalo 1-1; 0-1 favorável ao C. S. D. M. aos 20 minutos da 1.ª parte por intermédio de Rebelo; 1-1, empate estabelecido por António José aos 40 minutos da 1.ª parte; 2-1 aos 35 minutos da 2.ª parte por Morgado; 2-2 aos 39 minutos por Nogueira; 3-2 aos 40 minutos por Morgado, estabelecendo o resultado final.

Após o jogo foi entregue a taça à equipa vencedora pelo director de instrução do C. E. F. A., cap.-ten. Olias Maldonado.

P. Caeiro

TIRO

Realizaram-se nos meses de Março e Abril os Campeonatos de Pistola da Armada.

Concorreram 24 atiradores de várias unidades, tendo a Escola Naval surpreendido muito agradàvelmente com um lote de concorrentes que conseguiram excelentes resultados. Damos a seguir as classificações até ao 10.º lugar.

Class.	Atiradores	Unidade	Prec.	Vel.	Pont.
1.º	Asp. António Antão	E. Naval	251	276	527
2.º	Asp. Manuel Magalhães	E. Naval	243	281	524
3.º	1.º-sarg. FZ Jorge Sousa	F. F. C.	221	289	510
4.º	2.º-ten. João Marques	«S. Cabral»	232	227	509
5.º	2.º-ten. Mário Rua	«P. Santo»	237	264	501
6.º	Asp. Joaquim Gaspar	E. Naval	247	250	497
7.º	1.º-sarg. FZ Henrique Madail	E. Fuz.	220	269	489
8.º	Asp. Fernando Alves	E. Naval	240	249	489
9.º	1.º-ten. Francisco Fernàndes	E. Fuz.	214	274	488
10.º	Cap.-ten. Nuno V. Matias	E. Naval	251	225	476

Classificaram-se ainda mais 7 concorrentes.

P. Caeiro

reportagem

JURAM BANDEIRA 114 CADETES DA RESERVA NAVAL

Na Escola Naval, no dia 14 de Abril, realizou-se a cerimónia do juramento de bandeira de 114 cadetes que constituiam o 2.º Curso de Formação de Oficiais da Reserva Naval do ano de 1971. Com 397 alunos em parada, a cerimónia decorreu sob a presidência do ministro da Defesa Nacional, tendo à mesma assistido o ministro do Interior, o chefe e vice-chefe do Estado Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos e contra-almirante Tierno Bagulho, respectivamente, o superintendente dos Serviços do Pessoal da Armada, contra-almirante Soares Branco, o comandante da Escola Naval, comodoro Fragoso de Matos, e muitos outros oficiais da Armada.

A exortação aos cadetes foi pronunciada pelo capitão-tenente Magalhães Martinha, tendo-se procedido seguidamente à leitura dos deveres militares e ao juramento de bandeira, após o que os cadetes desfilaram perante as entidades presentes.

FESTA DOS CADETES FINALISTAS DO CURSO «D. MANUEL I»

No dia 15 de Abril, os cadetes finalistas do curso «D. Manuel I» realizaram a festa comemorativa do final do seu curso da Escola Naval.

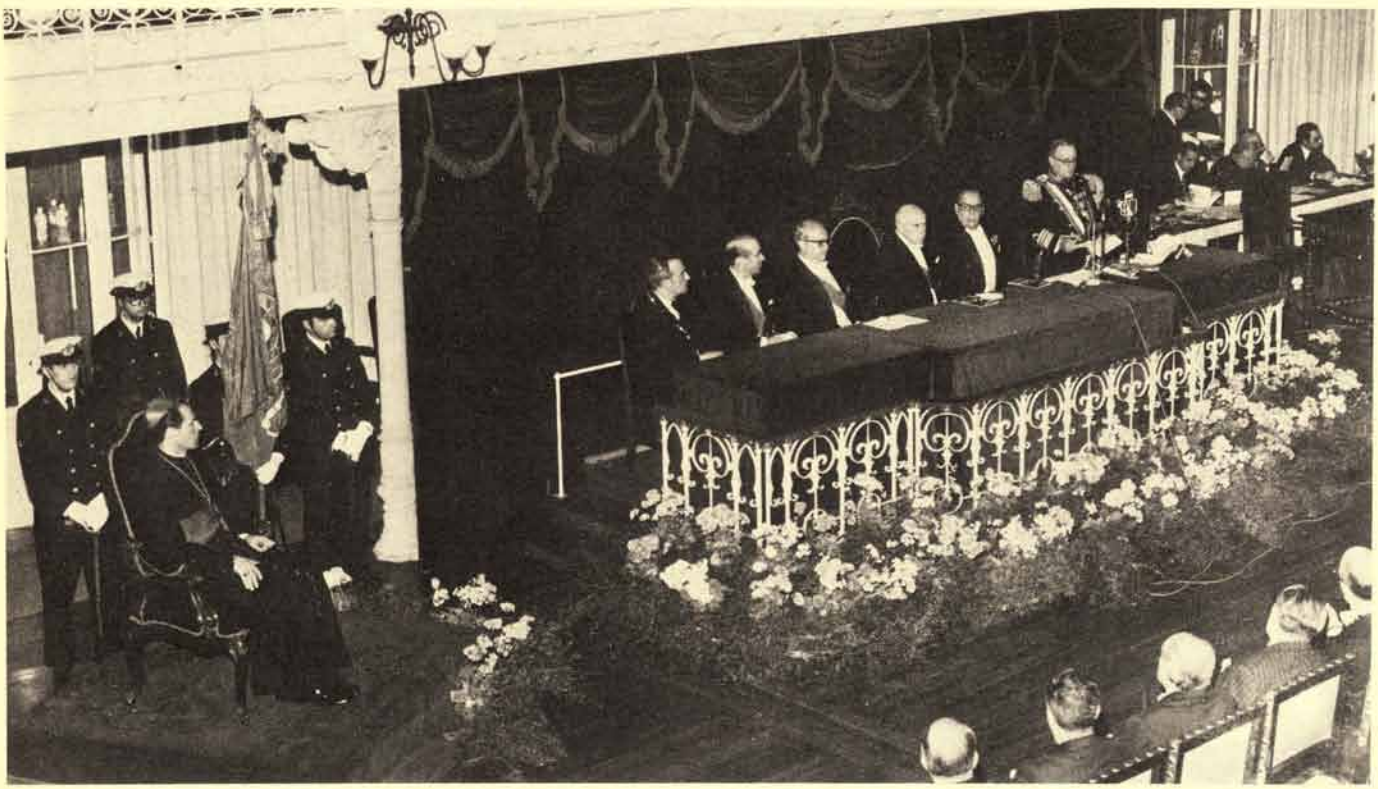
Além do comandante da Escola, comodoro Fragoso de Matos, estiveram presentes muitos professores e instrutores, bem como todos os cadetes acompanhados dos respectivos familiares e convidados, em ambiente de alegria e confraternização a que se juntou um cunho de elegância que usa ser timbre das festas dos cadetes finalistas da Escola Naval.

ABERTURA SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DA 1.ª TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

Sob a presidência de Sua Excelência o Presidente da República realizou-se no dia 30 de Março, na Sociedade de Geografia, uma sessão solene para assinalar o início das comemorações do cinquentenário da travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro.

Além de Sua Excelência o Chefe do Estado encontravam-se presentes vários membros do Governo, altas individualidades do corpo diplomático acreditado em Lisboa, sócios e convidados.

Foram oradores o contra-almirante Sarmento Rodrigues, o embaixador do Brasil em Portugal, prof. dr. Gama e Silva, e o dr. Norberto Lopes, que evocaram aquele glorioso feito e o valor dos homens que o realizaram, pondo em destaque o alto significado que o mesmo teve no contexto das relações luso-brasileiras.



ESTEVE ENTRE NÓS UMA FORÇA NAVAL DA ARMADA DO BRASIL

A fim de se integrar na escolta do navio presidencial que transportou os restos mortais de D. Pedro IV para o Brasil, deslocou-se e permaneceu no nosso porto, de 2 a 10 de Abril, uma força naval brasileira – GT 28.2 –, constituída pelos contratorpedeiros «Santa Catarina», «Pernambuco» e «Paraná», sob o comando do contra-almirante Carlos Auto de Andrade.

Este oficial foi recebido pelo ministro da Marinha, chefe do Estado-Maior da Armada e comandante Naval do Continente a quem apresentou cumprimentos.

Os estados-maiores da força brasileira e da força de escolta portuguesa tiveram reuniões de trabalho para acordo de pormenores respeitantes à missão conjunta a desempenhar.

No dia 4, elementos da guarnição dos navios brasileiros deslocaram-se a Belém onde, junto ao Padrão dos Descobrimentos, se realizou uma cerimónia de homenagem aos navegadores portugueses que consistiu na deposição de um ramo de flores pelo comandante da força naval. A esta cerimónia assistiu o embaixador do Brasil, prof. dr. Gama e Silva; o ministro da Marinha; o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; o comandante Naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro; o subchefe do Estado-Maior da Armada, comodoro Silva Braga; o adido Naval brasileiro, capitão-de-mar-e-guerra Brandão Padilha; o chefe do estado-maior da força naval brasileira, capitão-de-mar-e-guerra Aché Pillar; os comandantes e oficiais dos navios e outros oficiais da Armada Portuguesa.

Também no dia 15 o embaixador do Brasil, prof. dr. Gama e Silva, visitou oficialmente a força naval, tendo-lhe sido prestadas honras por dois pelotões dos navios atracados na Doca da Marinha envergando uniformes do tempo de D. Pedro I.

Além de passeios aos arredores proporcionados aos sargentos e praças dos três navios, os oficiais efectuaram uma visita à Base Naval de Lisboa, seguida de um almoço oferecido na Messe dos Oficiais pelo comandante Naval do Continente.

EMBARQUE DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA COM DESTINO AO BRASIL

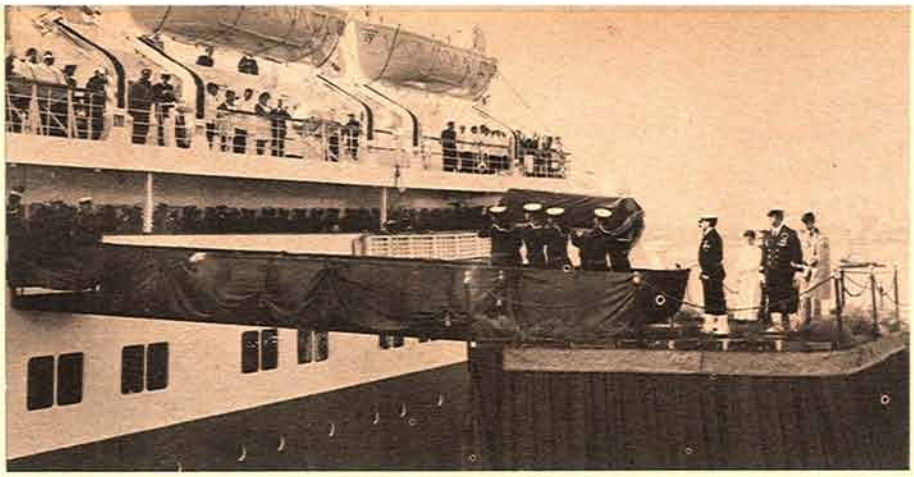
Acompanhando os restos mortais de D. Pedro IV, que Portugal entrega ao Brasil no 150.º aniversário da sua independência, embarcou no paquete «Funchal», na Estação Marítima de Alcântara, no passado dia 10 de Abril, Sua Excelência o Presidente da República.

A despedirem-se de Sua Excelência o Chefe do Estado encontravam-se no cais Sua Excelência o Presidente do Conselho, membros do Governo e altas individualidades.

A guarda de honra era prestada por um batalhão misto dos três ramos das Forças Armadas, com bandeira, banda e fanfarra, ao qual Sua Excelência o Presidente da República passou revista e que em seguida desfilou.

No mesmo dia, pela manhã, efectuou-se a trasladação dos despojos de D. Pedro IV, do Panteão da Casa de Bragança, no Mosteiro de S. Vicente de Fora, para o «Funchal», atracado ao Cais da Fundição.

No cortejo incorporaram-se Sua Excelência o Presidente do Conselho, o embaixador do Brasil, os ministros da Defesa Nacional, Marinha e Justiça e a princesa D. Maria Teresa de Orleães e Bragança, representante da família imperial brasileira, além de outras personalidades.



A urna foi conduzida para bordo do navio aos ombros de fuzileiros portugueses e brasileiros, tendo a guarda de honra sido prestada por um batalhão da Marinha Portuguesa e por uma companhia da Marinha Brasileira.

O COMANDANTE-CHEFE DAS FORÇAS ALIADAS DO SUL DA EUROPA CUMPRIMENTA O MINISTRO DA MARINHA

No passado dia 7 de Abril, o vice-almirante Horacio Rivero, da Armada dos Estados Unidos, acompanhado do contra-almirante Eugene Fluckey, comandante da Área Ibero-Atlântica, apresentou cumprimentos ao ministro da Marinha, que o recebeu no seu gabinete.

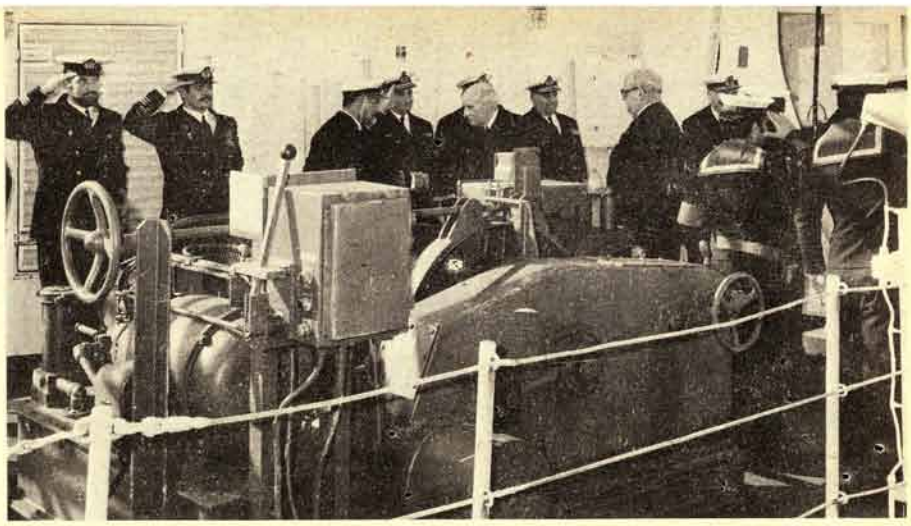
O vice-almirante Rivero, comandante-chefe das Forças Aliadas do Sul da Europa deslocou-se ao nosso país em visita ao Comando da Área Ibero-Atlântica, em Oeiras.

RENDIÇÃO NA DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE SAÚDE NAVAL

No dia 3 de Abril teve lugar a entrega do cargo de director do Serviço de Saúde Naval do comodoro médico naval Silva Xavier para o comodoro médico naval Veiga Rica.

Ao acto assistiram vários oficiais generais e superiores além dos oficiais que prestam serviço na Direcção do Serviço de Saúde Naval; a seguir, aqueles dois oficiais apresentaram cumprimentos ao ministro da Marinha, chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, e superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco.

SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITA O NOVO «ALMEIDA CARVALHO»

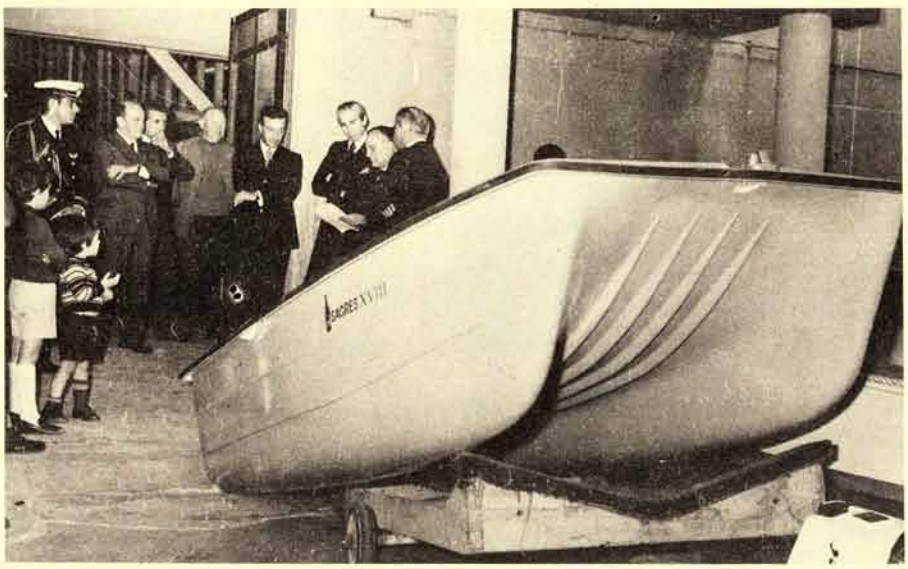


O navio-hidrográfico «Almeida Carvalho», recentemente aumentado ao efectivo da Armada, recebeu no dia 29 de Março a visita de Sua Excelência o Presidente da República.

Acompanhado pelo ministro da Marinha, chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, e outros oficiais generais, Sua Excelência o Presidente da República visitou demoradamente a nova unidade, tomando conhecimento dos dispositivos e equipamentos técnicos com que vem apetrechado para o desempenho de tarefas de natureza oceanográfica integradas nas campanhas a efectuar, de apoio científico às pescas.

É comandante desta nova unidade o capitão-tenente Lobo Fialho.

OFERTA DE UMA EMBARCAÇÃO AO AQUÁRIO VASCO DA GAMA



A Sociedade Central de Cervejas ofereceu ao Aquário Vasco da Gama uma embarcação do tipo *catamaran*, própria para águas pouco profundas e que esta instituição vai utilizar na recolha de espécies fluviais e lacustres para enriquecimento das suas colecções.

A entrega foi feita na Doca de Belém no dia 4 de Abril pelo comandante Correia Matoso, administrador daquela empresa ao capitão-de-mar-e-guerra Lopes de Mendonça, director do Aquário, na presença do ajudante-de-campo do ministro da Marinha e em sua representação, capitão-tenente Contreras de Passos.

FESTA NA COMPANHIA N.º 7 DE FUZILEIROS

Os elementos da Companhia N.º 7 de Fuzileiros, em serviço no Zaire, reuniram-se numa festa de confraternização em Abril último, que decorreu bastante animada.

(Colaboração de A. Leitão Simões, 1.º-gr. FZ)

NOVO VOGAL DO SUPREMO TRIBUNAL MILITAR

Foi nomeado para desempenhar as funções de vogal do Supremo Tribunal Militar o contra-almirante Jerónimo Henriques Jorge, em substituição do contra-almirante Francisco Gouveia Spínola que, por atingir o limite de idade, foi transferido para os quadros da Reforma.

OS FERIDOS EM CAMPANHA SÃO VISITADOS POR UM REPRESENTANTE DO MINISTRO DA MARINHA

Assinalando a quadra festiva da Páscoa, os militares internados no Hospital da Marinha por ferimentos recebidos em campanha foram visitados no dia 29 de Março pelo ajudante-de-campo do ministro da Marinha, capitão-tenente Contreras de Passos.

Inteirando-se do seu estado de saúde, o ajudante do ministro procurou tomar conhecimento dos problemas mais prementes daqueles militares, deixando a todos, em nome do ministro e com desejos de pronto restabelecimento, ofertas de Páscoa.

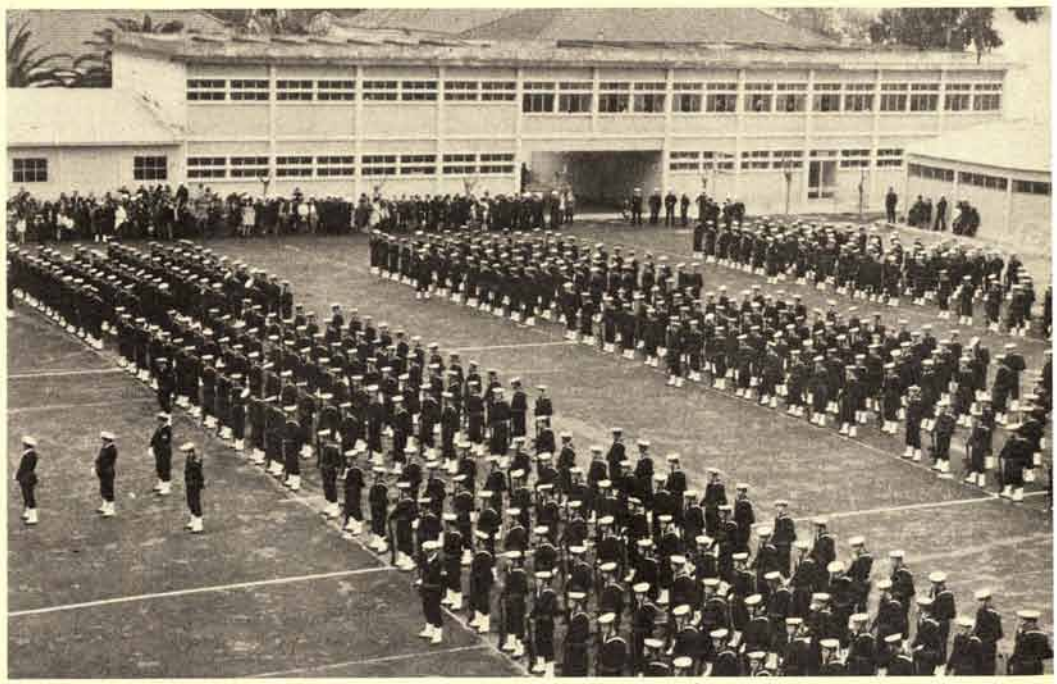
Também no mesmo dia, a Secção Auxiliar Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa fez entrega aos marinheiros hospitalizados de lembranças de Páscoa, tendo colaborado nesta distribuição a filha de Sua Excelência o Presidente da República, sr.ª D. Maria Natália Thomaz, a presidente da Secção Auxiliar Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa, sr.ª D. Maria Amélia Pitta e Cunha, a chefe da secção de Visitadoras do Hospital da Marinha, sr.ª D. Maria Luísa Rocheta e muitas outras senhoras que prestam o seu generoso contributo àquela instituição.

GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA – 1.ª INCORPORAÇÃO DE 1972

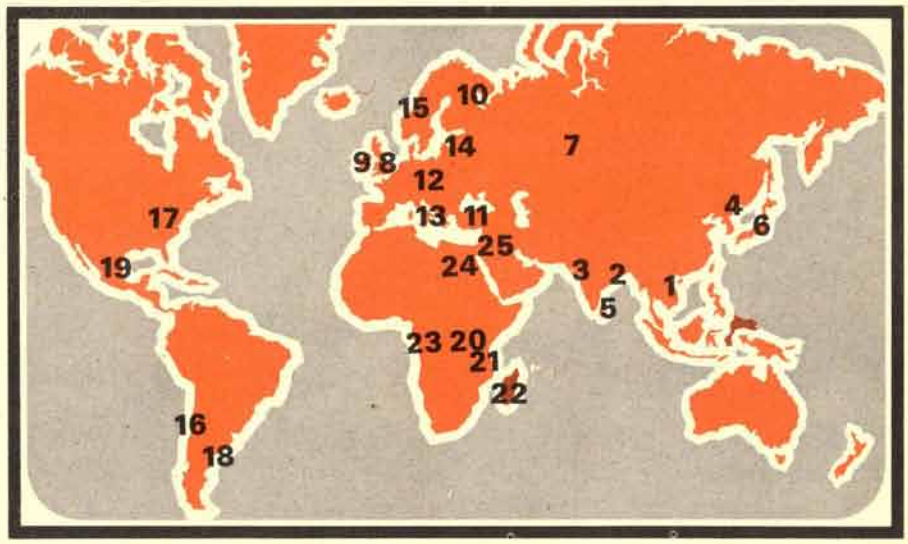
No passado dia 24 de Março realizou-se no Grupo N.º 1 de Escolas da Armada o juramento de bandeira de 820 recrutas voluntários e alunos da Reserva Marítima que constituem a 1.ª incorporação do corrente ano.

Presidiu à cerimónia o director do Serviço do Pessoal, comodoro Silveira Borges, tendo assistido várias entidades e muitos familiares.

O batalhão escolar desfilou depois de ter sido proferida a fórmula do juramento por todos os recrutas e a cerimónia terminou com exibições de manejo de armas, exercícios de luta de ataque e defesa e de preparação física.



no mundo aconteceu



NA ÁSIA

1 – *INDOCHINA*

A minagem dos portos do Vietname do Norte e o consequente bloqueio, imposto pelas forças americanas, associada a bombardeamentos maciços não impediram, por enquanto, o reabastecimento das tropas que no Vietname do Sul combatem os soldados do Governo de Saigão, visto que estão a ser utilizadas as vias terrestres que da China convergem para a península. Entretanto, a cidade de Quang Tri foi ocupada pelo Vietcong e a antiga capital imperial (Hué) está cercada há semanas, depois do abandono de várias bases próximas por parte dos soldados do Sul. Também as cidades de Bong Don e Dang Ha foram ocupadas pelo Vietcong. Entretanto, o presidente americano declarou que «não permitirá uma vitória dos comunistas» enquanto Van Dong, primeiro-ministro do Norte afirma que «o Vietname é um só» e a actual «divisão entre Norte e Sul é devida à intervenção americana».
Na capital do Camboja, forças comunistas penetraram até às proximidades da embaixada americana e do palácio real.

2 – *BANGLA DESH*

Um tornado, com ventos de 190 km/hora, semeou a destruição num dos distritos do Paquistão Oriental e fez 300 vítimas.

Revela-se que bengalis fanáticos se entregam a massacres sobre a minoria não bengali que habita o Paquistão Oriental.

3 – *PAQUISTÃO*

Pretendendo reapetrechar as suas Forças Armadas depois da guerra de Dezembro passado, o Governo encomendou 30 «Mirage» em França e 50 «Mig» na China.

O presidente Bhuto propôs que se efectuasse em Junho o anunciado encontro com a sr.ª Gandi, primeiro-ministro indiano.

4 – *COREIA DO NORTE*

Pela primeira vez, dois jornalistas americanos visitam este país (em serviço do «The New York Times»).

5 – *CEILÃO*

O primeiro-ministro, sr.ª Bandaranaike, anunciou que a partir de 22 do passado mês de Maio, o Ceilão se tornou uma república socialista, mantendo-se todavia na Comunidade Britânica.

6 – *JAPÃO*

Foi devolvida, pelos Estados Unidos, a ilha de Okinava, que este país ocupava desde 1945.

NA EUROPA

7 – *RÚSSIA*

Vindo de Viena, efectuou a sua anunciada visita a Moscovo o presidente dos Estados Unidos, apesar de na Indochina se defrontarem no campo de batalha às tropas do Norte, abastecidas ininterruptamente pela União Soviética, e as do Sul, apoiadas pelas poderosas forças aéreas e navais americanas. Foram assinados vários acordos entre os dois países, nos domínios da cultura, da ciência, do espaço e do comércio.

Celebrou o seu 167.º aniversário um cidadão do Azerbeijão, que dançou com o seu jovem neto de 82 anos durante a festa comemorativa.

8 – *INGLATERRA*

Os cursos da célebre Universidade de Oxford foram tornados extensivos ao sexo feminino, depois de 600 anos de exclusivo para indivíduos do sexo masculino.

O Prémio Nobel De Gabor avisou que a Humanidade poderá ter apenas mais 40 anos para viver se não cessar a explosão demográfica (aumento súbito da população mundial).

9 – *IRLANDA*

Na Irlanda do Norte mantem-se a vaga de terrorismo cujo termo não se vislumbra. Multiplicam-se as manifestações, motins, atentados à bomba e subsequentes vítimas de explosiva situação no território.

10 – *FINLÂNDIA*
As negociações SALT (para limitações dos armamentos estratégicos) deram um grande passo em frente devido a «contactos directos e confidenciais» entre Nixon (presidente dos E.U.A.) e Brejenev (secretário do P.C. da U.R.S.S.).

11 – *TURQUIA*
O país tem sofrido nos últimos tempos uma vaga de violência, na qual tem tido lugar desvio de aviões, raptos, assassínios, assaltos e atentados à bomba.

12 – *ALEMANHA*
O chanceler Brandt esteve submetido à pior crise política ocorrida na Alemanha Federal, a qual já se dissipou. O Parlamento aprovou os tratados de Moscovo e Varsóvia, que Brandt havia celebrado com a U.R.S.S. e a Polónia, com vista à normalização das relações com estes países, na sequência da sua política de abertura a Leste (Ostpolitik).

44% dos alemães falecidos em 1970 foram-no devido a doenças cardíacas e perturbações circulatórias, recomendando-se, para as evitar, exercícios físicos, não fumar, alimentação frugal, evitar excessos nervosos.

13 – *ITÁLIA*
Nas eleições para o Senado italiano, verificaram-se os principais resultados seguintes, contando-se 98 % dos votos: 38 % democracia-cristã; 27 % comunistas; 10 % socialistas e 9 % neofascistas.

A «Pietá», célebre estátua religiosa de Miguel Ângelo, existente na Basílica de S. Pedro em Roma, foi mutilada por um australiano de ascendência húngara que se crê «profeta» e se diz «Cristo».

14 – *LITUÂNIA*
Após a imolação pelo fogo de um operário católico, houve recontros entre a polícia e milhares de jovens.

15 – *NORUEGA*
O dr. Stroem, estomatologista norueguês, afirma que o corpo carbonizado encontrado em Berlim pelas tropas soviéticas, em Maio de 1945, era realmente o do ditador alemão Adolfo Hitler.

NA AMÉRICA

16 – *CHILE*
Terminou em Santiago a Conferência da O.N.U. para a Cooperação e Desenvolvimento, em ambiente de cansaço e amargura, que decorreu durante algumas semanas. Houve variadas propostas e discussões, nomeadamente sobre o desarmamento nuclear e ajuda dos países ricos aos países pobres.

17 – *ESTADOS UNIDOS*
A tentativa do restabelecimento da pena de morte no Estado de Nova Iorque não teve aprovação na assembleia legislativa. Como se sabe, a pena de morte existe apenas em alguns Estados.

Foi ferido com três tiros de pistola, durante uma sessão eleitoral, o candidato democrata à presidência Wallace, governador do Estado de Alabama.

Iniciar-se-á dentro de meses a importação de produtos alimentares congelados da China.

Explodiu uma bomba no Pentágono, sede do Departamento das Forças Armadas Americanas.

18 – *ARGENTINA*
O general Perón foi escolhido pelo M.N.J. para seu candidato à presidência nas próximas eleições. Grande massa de argentinos tem continuado a apoiar Perón e os seus partidários após o seu exílio em 1955, constituindo a maior força política no país.

19 – *MÉXICO*
André Malraux declarou a um jornal mexicano que «dentro de menos de seis meses rebentará no Pacífico o conflito russo-americano-chinês e que é por isso que Nixon vai a Moscovo» pois nenhuma das três superpotências «acredita realmente na Europa» quando falam entre si.

NA ÁFRICA

20 – *BURUNDI*
Após a intentona durante a qual foi assassinado o antigo rei Ntare V, foi imposto o recolher obrigatório, tendo havido motins e combates no país, que fizeram inúmeras vítimas.

21 – *TANZÂNIA*
A Força Aérea vai receber jactos «Mig», de fabrico chinês. O pessoal necessário está a ser treinado na China.

22 – *REPÚBLICA MALGAXE*
Na sequência de algumas semanas de greves no país, foram presas centenas de pessoas na capital, sendo imposto o estado de emergência depois de vários combates de ruas que produziram centenas de mortos.

23 – *CONGO*
Um grupo de guerrilheiros efectuou sem êxito um ataque à capital (Brazzaville).

NO MÉDIO ORIENTE

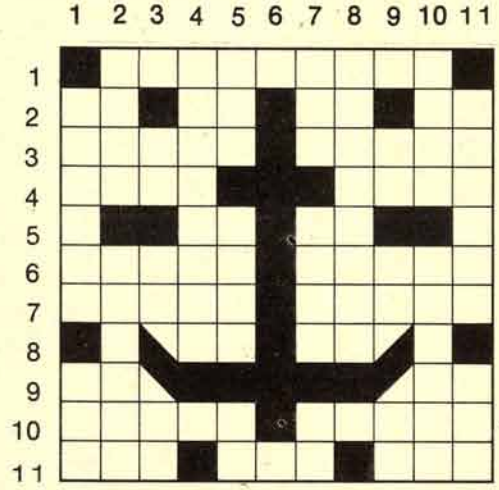
24 – *EGIPTO*
Parece que a Inglaterra trava conversações com as autoridades do Cairo com vista ao fornecimento de equipamento militar electrónico.

Na linha de coordenação de esforços com vista ao combate contra Israel, o presidente Sadat deslocou-se à Líbia e à Tunísia, com cujos dirigentes conferenciou.

25 – *JORDÂNIA*
Foi assinado um acordo técnico e cultural com a União Soviética.

quarto de folga

PALAVRAS CRUZADAS (Passatempo N.º 9)



HORIZONTAIS: 1 – P r e m e i a. 2 – Utensílio doméstico; grito de dor; sono (inf.); freguesia do concelho de Oliveira de Azemeis. 3 – 'Sento (fig.); ave. 4 – Mentecapto; solteironas (fig.). 5 – Consoante dobrada; vogal dobrada. 6 – O mesmo que hebraico; corto lenha. 7 – Cantigas; executou. 8 – Vogal dobrada; saudável. 9 – Preposição; popa. 10 – Bateu-se (inv.); limpar com areia. 11 – Pronome relativo; a vós; amarra.

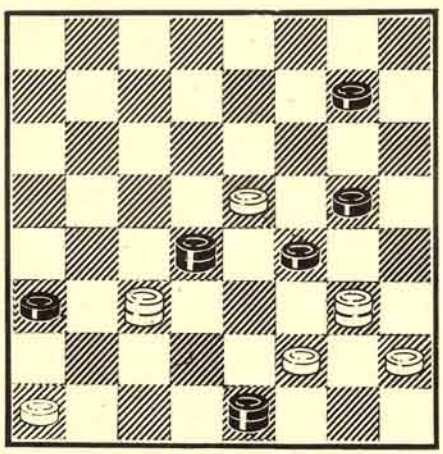
VERTICAIS: 1 – Lar; pronome relativo (inv.). 2 – Saber (fig.); rugiu. 3 – O mais; sorri; letra do alfabeto. 4 – Grande comandante francês. 5 – Parente; português; cinquenta e cinco em romano. 7 – Triture; épocas; vencedor. 8 – Multava. 9 – Nesse lugar; letra C em inglês; artigo antigo. 10 – Fama; prestigiai. 11 – Tirou um pedaço; forma do verbo ser.

Depois de resolvido o problema, encontrará a legenda que é o lema da Armada.

Agostinho e Ventura
2.os grumetes L

(Solução na pág. n.º 34)

DAMAS



As brancas jogam e ganham.

(Solução na pág. n.º 34)

TESTE DE CULTURA
ESCULTURA
PINTURA

1 – Quem pintou «A Última Ceia»?
2 – Que pintor famoso do Renascimento italiano foi também escultor famoso?
3 – Indique o nome de algum pintor espanhol famoso.
4 – Qual o escultor que fez «O Pensador»?

Compilado por F. Bastos, 2.º-gr. RM

(Solução na pág. n.º 34)

HUMORISMO NO ENSINO

Uma ilustre professora das minhas relações, forneceu-me uma série de «incidentes» literários, passados com ela e com colegas, tão pitorescos que não resisto à tentação de os dar à luz na nossa Revista.

Começo por este:

Numa aula de Zoologia, numa escola do ensino técnico (curso nocturno para adultos), a professora explicou o mais pormenorizadamente possível que os animais se dividem em várias espécies: mamíferos, aves, répteis, batráquios e peixes.

Deu exemplos conhecidos, mostrou desenhos, fartou-se de falar e, para ver se todos tinham percebido, virou-se para um e interrogou:

– Então o senhor a que espécie pertence?

Sem qualquer hesitação o homem respondeu:

– Sou batráquio.

A senhora que tem ouvido muita asneira, nem pestanejou e amàvelmente recomendou:

– Então, senhor, veja lá bem, não se atrapalhe, lembre-se como foi criado...

O homem insistiu:

– Minha senhora, eu sou batráquio.

– Não, meu caro senhor, vejo que não percebeu as minhas explicações, o senhor não é batráquio, é mamífero.

Julgava a senhora ter arrumado o assunto, mas não; perante o seu espanto e o de quase toda a classe, o homem fez-se muito vermelho e exclamou mal humorado:

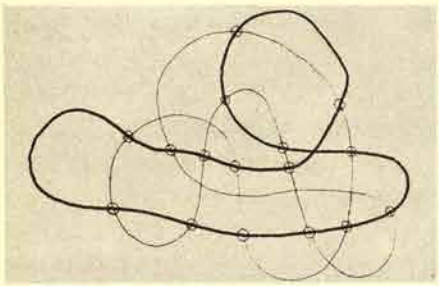
– Mamífero é a minha mulher..., eu cá sou batráquio.

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Apresentamos hoje, extraídos da mesma publicação que já anteriormente referimos, mais quatro problemas:

5.º

Desenhe com um lápis preto uma linha curva fechada qualquer que se intercepte várias vezes. Depois, com um lápis de outra cor, desenhe outra linha curva fechada que atravesse a primeira podendo cruzar-se consigo própria sem no entanto passar por qualquer cruzamento anterior. Em seguida assinale com um pequeno círculo todos os cruzamentos entre uma linha e outra. (Veja, por exemplo, a figura junta). Demonstre que o seu número é sempre par.



6.º

Escreva um 2 e um 3 ao lado um do outro. Ponha agora um sinal matemático vulgar entre um e outro de forma a exprimir um número maior do que dois e menor do que três.

7.º

Uma casa de seis andares (sem contar com o rés-do-chão) tem lanços de escada com o mesmo comprimento entre os vários pisos. Quantas vezes é mais alta a subida do primeiro ao sexto do que do primeiro ao terceiro?

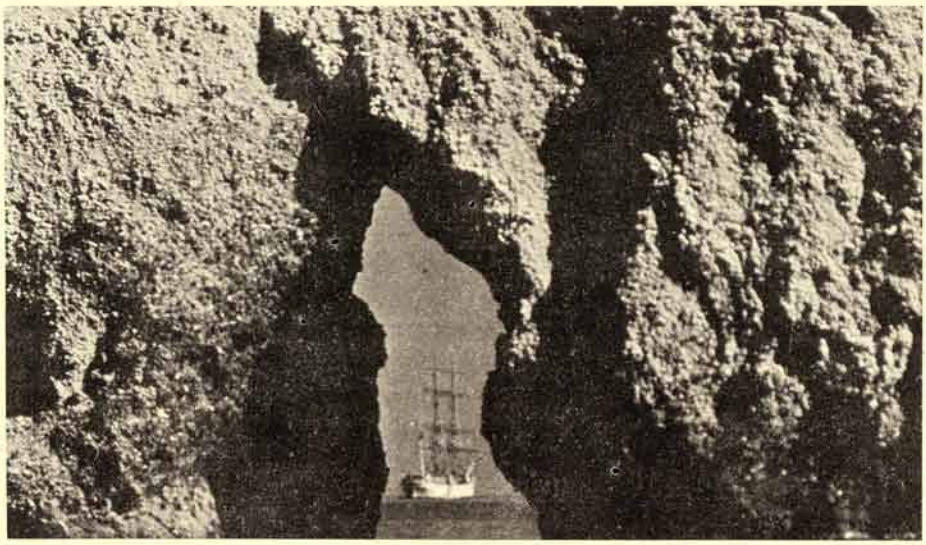
8.º

Os dois lados iguais de um triângulo isósceles têm por medida a unidade. Sem utilizar o cálculo, ache qual o comprimento a dar ao terceiro lado para obter o triângulo de maior área possível.

(Publicaremos as soluções no próximo número)

CONCURSO N.º 9

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

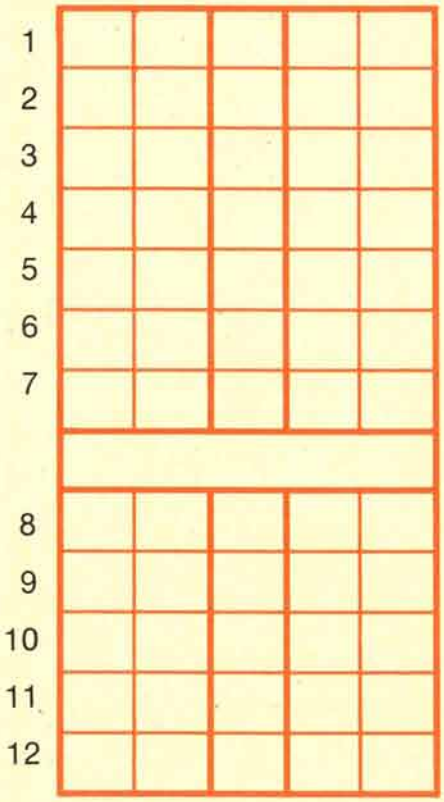


Observe a fotografia, também publicada na contra-capa, e diga-nos:

– Em que local foi tirada a fotografia?

– Trata-se da «Sagres» nova ou antiga?

PILHA DE PALAVRAS



1 – Frutos do loureiro.
2 – Verruma.
3 – Mesa rectangular e tosca.
4 – Grosseiro.
5 – Destemida.
6 – Projécteis.
7 – Mantilha usada por algumas mulheres.
8 – Mercado público nos países orientais.
9 – Ramo de árvore.
10 – Grito.
11 – Vielas.
12 – Presente de Natal.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central o leitor encontrará o nome de um famoso navegador português da casa do infante D. Henrique, que descobriu a ilha do Porto Santo em 1418.

Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «B».

(Solução nesta pág.)

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Contempla. 2 – Pá; ai; oo; Ul. 3 – Alapo; arara. 4 – Tolo; tias. 5 – LL; EE. 6 – Ibreu; racho. 7 – Árias; aviou. 8 – OO; sã. 9 – Em; ré. 10 – Uotul; arear. 11 – Que; vos; lia.

VERTICAIS: 1 – Pátria; euq. 2 – Calo; bramou. 3 – Al; ri; te. 4 – Napoleão. 5 – Tio; luso; LV. 7 – Moa; eras; às. 8 – Porteava. 9 – Aí; ci; el. 10 – Aura; honrai. 11 – Lascou; era.

A PÁTRIA HONRAI
QUE A PÁTRIA VOS
CONTEMPLA

DAMAS

1. – h1 - g2 ..... e4 x c6
2. – b2 x d5 ..... c6 x e4
3. – d3 x d5 ..... d1 x b3
4. – d5 x c6 ..... h3 x f1 -D
5. – c6 x c2

E as brancas pràticamente ganhavam.

TESTE DE CULTURA
ESCULTURA, PINTURA

1 – Leonardo da Vinci.
2 – Miguel Ângelo.
3 – Goya.
4 – Rodin.

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Soluções dos problemas publicados no número anterior)

1.º O menor número de soldaduras será em qualquer caso oito, independentemente da forma como se dobrar o arame ou os arames. Isto é assim porque o número de arestas que concorrem em cada vértice do cubo é impar e necessitará sempre de uma soldadura nesse ponto.

2.º Pode evitar o xeque indefinidamente. Caminhe com o rei para o centro do tabuleiro mudando-o sempre para um quadrado de cor oposta ao do cavalo. Como o cavalo muda a cor do quadrado em que está após cada jogada, nenhum movimento deste poderá assim dar xeque ao rei. O único perigo seria seguir com o rei para um dos cantos do tabuleiro onde só pudesse mover-se em diagonal sem trocar de cor.

3.º Uma resposta poderá ser: o valor de *x* é menor do que um milhão.

4.º Porque realizará o dobro do dinheiro.

PILHA DE PALAVRAS

1 – Bagas. 2 – Broca. 3 – Banca. 4 – Boçal. 5 – Brava. 6 – Balas. 7 – Bioco. 8 – Bazar. 9 – Braço. 10 – Berro. 11 – Becos. 12 – Broas. (Gonçalo Zarco).

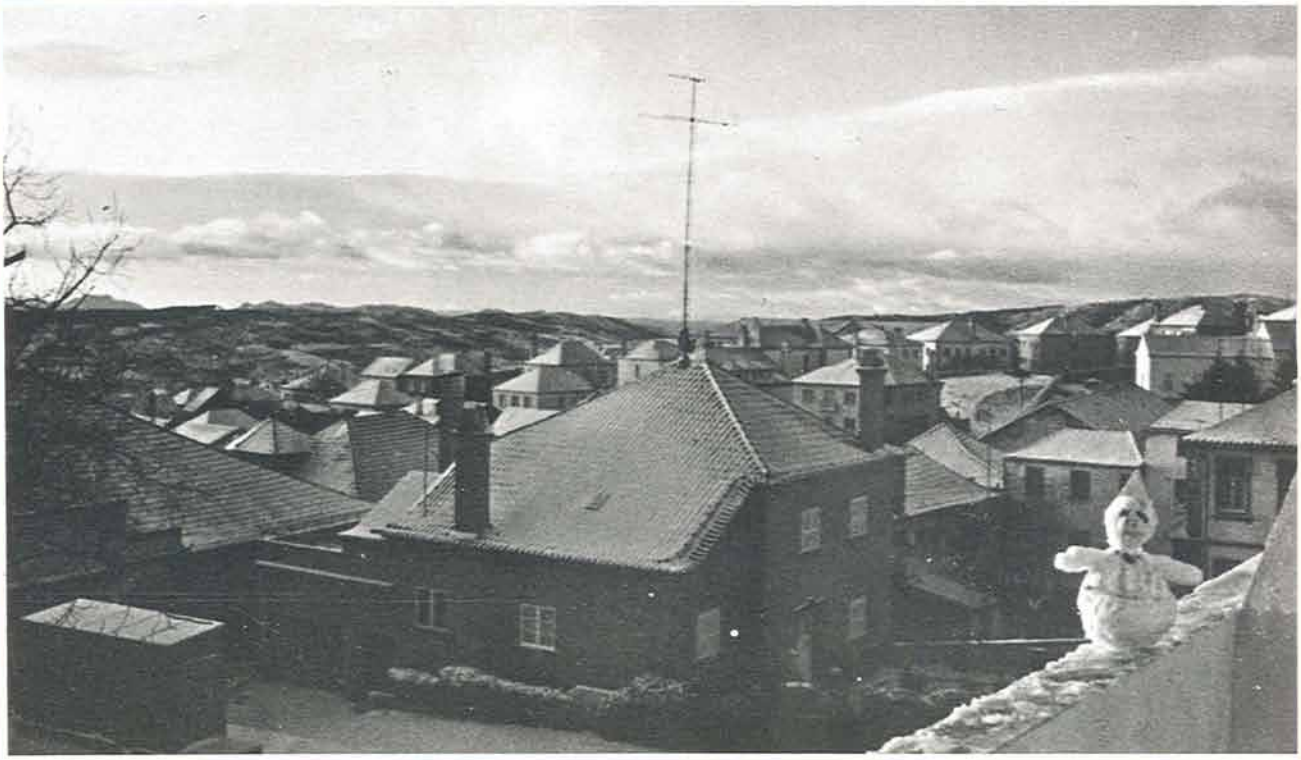
SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 7

A estrela tem de estar para além da distância Terra/Lua. Como a Lua é um corpo opaco a estrela não pode ser vista na concavidade não iluminada da Lua.

Vencedor: 1101/69/1.º gr. L–Agostinho, da Chefia do Serviço de Justiça.

inverno

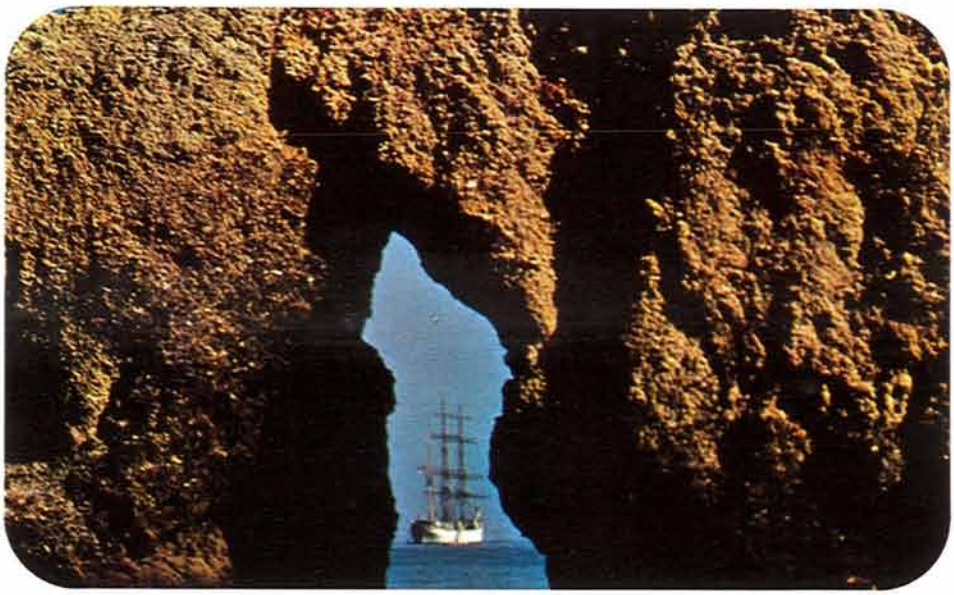
GUARDA



SINES

verão

(Fotos de L. C. Gaspar)



METRÓPOLE

O N. E. «Sagres» algures na costa do Continente
(Foto cedida pelo sr. Sotto-Mayor)

ANGOLA

Lavadeiras do rio Cuanza
(Foto do cap. ten. EMQ A. Higgs)

MOÇAMBIQUE

Igreja de St.º António da Polana (Lourenço Marques)
(Foto do cap. ten. AN C. Junça)